

Valéria Cunha dos Santos

**INTENÇÃO E DESEJO: OS USOS DE *QUERER*
COM IMPLICATURAS DE FUTURIDADE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.
Orientador: Prof. Dr. Heronides M. de Melo Moura

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Valéria Cunha
Intenção e desejo : os usos de querer com implicaturas
de futuridade / Valéria Cunha Santos ; orientador, Prof.
Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura - Florianópolis, SC,
2015.
133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Gramaticalização. 3. Implicatura. 4.
Modalidade. 5. Futuro. I. Moura, Prof. Dr. Heronides
Maurílio de Melo. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

Valéria Cunha dos Santos

**INTENÇÃO E DESEJO: OS USOS DE *QUERER*
COM IMPLICATURAS DE FUTURIDADE**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de novembro de 2015.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Leandra Cristina de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Ana Paula Barros Brandão
Universidade Federal do Pará

Aos meus familiares, torcedores de carteirinha e, principalmente, à minha mãe por ter me apoiado em todas as escolhas. Seu suporte – afetivo, emocional, disciplinador, financeiro – me fez chegar até aqui e *querer chegar* mais longe.

Ao Felipe, por escolher me apoiar, por compreender e por ser parceiro de todas as horas.

Aos meus amigos, pelo carinho. Vocês fazem a vida ser mais bonita! Aos “de sempre”: Fernanda & Fernanda, Nathalya, Manuela, Victoria, Carla e Bruno.

Aos amigos e companheiros da Pós-Graduação, especialmente Rafaela, Tayse, Heloísa, Daniela, Dorival, Ezra, Tiago, Helen e Giuseppe. O conceito 6 valeria muito pouco se não tivesse a presença de vocês. Por serem amigos, professores, interlocutores, companheiros de viagem e de estudos. É um privilégio ter conhecido vocês!

Aos professores do curso de Letras Português, que influenciaram e guiaram minha escolha profissional. Aos do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pelas inúmeras contribuições na minha formação.

Ao professor Heronides, pela confiança, pela orientação e pelas aulas!

Às professoras Edair e Leandra, pelas contribuições na qualificação do projeto. Sou muita grata pela dedicação e pelo cuidado que tiveram ao ler e comentar meu trabalho. Muito do que está aqui veio das suas sugestões.

À Evelise por esclarecer tantos assuntos e pelo suporte que precisamos enquanto alunos do Programa.

À UFSC e à CAPES pelo fomento.

Agradeço.

*El futuro penetra en nosotros para transformarse
en nosotros mucho antes de llegar.*

Rainer Maria Rilke

*People are more than curious about language;
they are passionate. The reason is obvious.
Language is the most accessible part of the mind.
People want to know about language because they
hope this knowledge will lead to insight about
human nature.*

Steven Pinker, 2007, p. 419.

RESUMO

Com base em estudos sobre as categorias *tempo, aspecto e modalidade* (PALMER, 1986; BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991; 1994; GIVÓN, 2001; SWEETSER, 2001), destacamos o processo de gramaticalização de marcadores de futuro em algumas línguas, envolvendo implicaturas (CHIERCHIA, 2003; LEVINSON, 2007; PINKER, 2008) e atos de fala (SEARLE, 1995). Para compreender o uso similar dessa marcação de tempo em português brasileiro (PB), observamos a implicatura de futuridade a partir de usos em que o verbo de volição *querer* atua como auxiliar. Como referencial teórico foram utilizados estudos sobre a gramaticalização de itens lexicais que denotavam desejo, vontade e necessidade e se tornaram marcadores de futuro, como *will* em inglês. Tomando o futuro como uma previsão feita pelo falante de que a situação colocada na proposição, que se refere a um evento localizado após o momento da fala, irá se realizar, avaliamos se as implicaturas associadas à expressão de intenção ou desejo levam ao futuro nas ocorrências em primeira pessoa acompanhadas de auxiliar/verbo de volição ([eu/nós/a gente] + *querer* + verbo). Verificamos, a partir da análise das ocorrências, quais contextos o uso de *querer* como auxiliar é mais modal ou mais temporal (a partir da implicatura gerada). Sugerimos que está ocorrendo em PB o mesmo processo ocorrido em outras línguas: marcas de volição tornam-se marcas de futuridade. Tendo como *corpus* o C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), composto por amostras de fala espontânea, com diálogos, monólogos e conversações, em contextos públicos e privados, destacamos os atos de fala compromissivos e a atitude dos participantes da comunicação em relação às proposições. Nossa abordagem partiu da análise da conversa, ressaltando o contexto extralinguístico de cada registro. Foram analisadas 105 gravações em contexto privado e 34 em contexto público, que somam 759 usos do verbo *querer*. Desse número, destacamos as 55 ocorrências como auxiliar em primeira pessoa que disparam implicatura de futuridade, atuando como perífrase de futuro nesses casos.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; Implicatura; Modalidade; Futuro.

ABSTRACT

Based on studies on the categories of tense, aspect and modality (PALMER, 1986; BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1991; 1994; GIVÓN, 2001; SWEETSER, 2001), we highlighted the grammaticalization process of future markers in some languages. Such a process involves implicatures (CHIERCHIA, 2003; LEVINSON, 2007; PINKER, 2008) and speech acts (SEARLE, 1995). To understand the similar use of that tense marking in Brazilian Portuguese (PB), we observed the implicature of futurity from uses in which the volition verb (*querer*) operates as an auxiliary. As a theoretical background, we used previous studies on the grammaticalization of lexical items that denoted desire, will and necessity and became future markers such as *will* in English. Taking the future as a speaker made prediction that the situation placed on the proposition, that refers to an event located after the speech time will happen, we evaluated whether implicatures associated with the expression of intent or desire leads us to future in sentences exhibiting the first person with an auxiliary/volition verb ([*eu/nós/a gente*] + *querer* + *verbo*). Our hypothesis is that PB may be going through the same process occurred in other languages: volition markers become marks of futurity. The corpus we used was C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), which is composed of samples of spontaneous speech, with dialogues, monologues and conversations in public and private context. Using this we highlighted the commissive speech acts and the attitudes of communication participants in relation to propositions. Our approach started from conversation analysis, emphasizing the extra-linguistic context of each record. We analyzed 105 recordings in a private context and 34 in a public one, all of which add up to a sum of 759 uses of the verb *querer*. Among those, we highlighted 55 occurrences in which the item appears as a first person auxiliary that gives rise to a futurity implicature, acting, in such cases, as a future periphrasis.

KEYWORDS: Pragmatics; Implicature; Grammaticalization; Modality; Future.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – trajetória de desenvolvimento a partir de desejo e movimento apresentada por Bybee et al. (1994, p. 240).....	33
Figura 2 – relações entre momento de fala e tempo.....	45
Figura 3 – linha do tempo representando o futuro, ME posterior ao MF.....	46
Figura 4 – trajetória de gramaticalização do futuro de desejo, conforme Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p. 256).....	47
Figura 5 – gradação do nível de comprometimento do falante a partir de Givón (2001, p. 301-302).....	56
Figura 6 – relações das inferências entre intenção e predição.....	69
Figura 7 – partes do conteúdo comunicativo derivado do significado convencional.....	71
Figura 8 – cadeia conceitual de <i>querer</i> como auxiliar em PB, a partir de Heine (1993, p. 97).....	75
Figura 9 – sequência em que ME é imediatamente posterior a MR, que coincide com MF.....	88
Figura 10 – sequência em que ME é posterior a MR.....	88
Figura 11 – sequência em que MF é seguido por MR, que é anterior a ME.....	91
Figura 12 – sequência em que MF coincide com MR, anteriores a ME.....	92
Figura 13 – porcentagem de valor aspectual inercial nas ocorrências.....	94
Figura 14 – número das ocorrências de “ <i>quero/quer + INF</i> ” para cada verbo principal.....	99
Figura 15 – número de ocorrências de “ <i>queria + INF</i> ” para cada verbo principal.....	99
Figura 16 – porcentagem de implicaturas de futuridade separadas por papel temático do sujeito.....	100
Figura 17 – porcentagem dos tipos de projeção de futuridade dentro das implicaturas destacadas.....	101
Figura 18: porcentagens dos advérbios destacados como pistas para as implicaturas mais frequentes.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – alguns efeitos linguísticos comuns da gramaticalização, a partir do que propõem Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 213).....	29
Quadro 2 – vias de gramaticalização de marcadores de tempo, aspecto e modalidae, retirado de Givón (2001, p. 367).....	30
Quadro 3 – estágios de gramaticalização da perífrase <i>ir</i> (presente) + infinitivo, adaptado de Gibbon (2000).....	36
Quadro 4 – diferenças entre tempo e aspecto, segundo levantamento de Fossile (2012).....	49
Quadro 5 – classificação das modalidades epistêmicas, elaborada por Givón (2001), e seus equivalentes na tradição lógica.....	54
Quadro 6 – adjuntos que localizam eventos na relação de posterioridade.....	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – quantidade total de usos do verbo <i>querer</i> em cada tipo de registro.....	85
Tabela 2 – usos do verbo <i>querer</i> em primeira pessoa (singular e plural) nas gravações em contexto familiar.....	85
Tabela 3 – usos do verbo <i>querer</i> em primeira pessoa (singular e plural) nas gravações em contexto público.....	85
Tabela 4 – quantidade de usos como auxiliar comparada às vezes em que esses usos dispararam implicaturas de futuridade.....	86
Tabela 5 – quantidade de usos que geram implicaturas em cada tipo de registro (P1 e P4).....	86
Tabela 6 – quantidade de usos do verbo auxiliar disparando implicatura de futuridade em cada tipo de amostra.....	98
Tabela 7 – elementos linguísticos presentes no enunciado com significação temporal implicada.....	102

SUMÁRIO

Introdução.....	21
1. O objeto de estudo.....	27
1.1. Gramaticalização de marcadores de futuro.....	27
1.2. Marcação de futuro em português brasileiro.....	35
1.3. Objetivos.....	39
1.4. Questões e hipóteses.....	39
2. Referencial teórico.....	41
2.1. Estatuto do verbo <i>querer</i> em PB.....	42
2.2. Tempo: futuro.....	44
2.3. Aspecto.....	49
2.4. Modo e modalidade.....	52
2.4.1. Modo.....	53
2.4.2. Modalidade.....	53
2.5. Desejo e volição.....	61
2.6. Intencionalidade.....	62
2.7. Análise pragmática.....	63
2.8. Teoria dos Atos de Fala.....	63
2.9. Implicatura.....	66
2.10. O papel do contexto.....	72
2.11. Auxiliarização.....	74
3. Metodologia.....	77
3.1. Descrição do <i>corpus</i>	78
3.2. Procedimentos de análise.....	80
4. Análise dos dados e discussão dos resultados.....	83
4.1. Usos do verbo <i>querer</i>	84
4.2. O valor aspectual.....	92
4.3. Marcas de modalidade.....	94
4.4. Polidez.....	97
4.5. Contextos que se mostraram favoráveis.....	98
Considerações finais.....	105
Referências.....	109
Anexos.....	115

Introdução

Um grupo conversa utilizando o aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Os membros, funcionários de uma escola em greve, combinam detalhes sobre assembleias da categoria. A informa que não participará da assembleia do dia, mas que pretende ir à do dia seguinte:

A: Gente, hoje eu não vou. Acordei com dor de garganta, acho que é esse tempo. Estou tomando uns chás. Amanhã de manhã vou ao médico. E a tarde **quero estar** na assembleia.

B: Por favor, não falte!

A: Tenho certeza que vou melhorar. Amanhã estarei na assembleia. Firme e forte¹.

Quero estar leva B a interpretar que *A estar na assembleia* é pouco provável. No entanto, A altera essa possível interpretação, utilizando estratégias que refletem seu comprometimento.

É curioso notar que *querer estar* em algum lugar pode significar um distanciamento do falante diante do que está assinalado na proposição, mas também seu comprometimento: *estar* é um desejo seu, o que o motiva a executar a ação descrita.

Usos como esse nos chamam atenção. Afinal, a expressão de modalidade serve também para marcar temporalidade? Resolvemos investigar mais a fundo essa questão, tendo em vista que a marca de temporalidade nesse tipo de construção surge por implicatura, inferência que é feita com base no conteúdo semântico das proposições somado ao contexto conversacional.

Em apresentações de trabalho, eventos tipicamente acadêmicos, por exemplo, ouvimos diversos “*quando eu quis estudar isso...*”, “*eu ainda quero coletar mais dados*”, “*quero desenvolver uma pesquisa sobre...*”. Os resultados desses atos de fala não nos confirmam nada de antemão: em algumas vezes as intenções dos falantes levam a ações, em outras não. A interpretação de que as ações enunciadas acontecerão no futuro não depende de sua realização efetiva. O que importa para inferirmos essa implicatura é o grau de comprometimento expressado pelo falante e as condições de realização favoráveis dadas pelo contexto.

Vemos nos textos de Benveniste (1989), Bybee, Pagliuca e Perkins (1994), Givón (2001), entre outros, exemplos de palavras ou

¹ Coleta informal realizada pela autora.

afixos que eram itens lexicais e que são utilizados como marcadores gramaticais de futuro em diversas línguas. Esses itens passaram por um processo de gramaticalização, inicialmente significavam desejo ou obrigatoriedade e passaram a codificar marcação temporal:

Inuit (sufixo – vontade, desejo): *-jumaar, -juma*;
Dinamarquês (auxiliar – necessidade, vontade): *ville*;
Tok Pisin (auxiliar – gostar, estar disposto, estar pronto): *lajk*;
Inglês (auxiliar – querer, dever) *will, ought to*.
Grego (auxiliar – querer) *θέλω (thelō): θα*

O linguista Guy Deutscher, em seu livro *O desenrolar da linguagem* (2014, sem página) também traz informações sobre o mesmo processo:

A noção de futuro atrai metáforas de todos os lugares. Você pode imaginá-la como um tipo de “ralo funcional” para o qual fontes distintas convergem. Pense no marcador de futuro do inglês ‘will’. Atualmente, ninguém se atreveria a criticar um marcador gramatical tão respeitável, mas, originalmente, ‘will’ era um verbo completamente normal, que significava apenas “querer” ou “desejar”.

Mas quando alguém quer fazer algo, isso geralmente implica que esse alguém vai fazer algo. Assim, ‘will’ passou por um processo semelhante a ‘going to’ e eventualmente se tornou um auxiliar de futuro. Novamente, não há nada especial no inglês quanto a esse desenvolvimento. O mesmo percurso de mudança foi traçado por línguas em todo o mundo. O verbo ‘taka’ (“querer”), do swahili, por exemplo, se tornou o marcador de futuro ‘ta’, e o mesmo aconteceu com o verbo grego ‘thélei’.

Podemos, então, projetar essa situação ao português brasileiro (PB), uma vez que fontes lexicais distintas tendem a convergir em vias de gramaticalização (Bybee, Pagliuca e Perkins, 1994). Ou seja, verbos volitivos podem se transformar em auxiliares ou em morfemas marcadores de futuro, pois o que funcionou diacronicamente em outras línguas pode ser observado sincronicamente em PB.

Notamos que, em PB, o uso de *querer* como verbo auxiliar implica futuridade, não é uma marca de futuro, mas uma indicação. É preciso considerar elementos contextuais, linguísticos e extralinguísticos, para extrair essa leitura.

A trajetória de gramaticalização a partir da implicatura de desejo nos leva a crer que se uma ação é desejada, poderá ser realizada no futuro. Então, se o mesmo ato de fala comporta a expressão de desejo e a indicação de futuro na estrutura *querer* + verbo, essa seria uma forma indireta de expressar o tempo em português, pois *querer* expressa volição e implica predição.

É provável que, em nosso cotidiano, utilizamos implicaturas muito mais vezes do que nos damos conta. Inferimos a marcação de tempo futuro a partir de um verbo de volição, mas não interpretamos esse tipo de proposição como um ato expressivo. Isso pode ocorrer devido a uma escala de implicação de futuro que faz parte das expressões de desejo e volição: quanto mais próximo do desejo for o ato de fala, menor será a inferência de futuro. Para Levinson (2007, p. 207):

está claro que a implicatura desempenha um papel importante na mudança linguística, acionando mudanças sintáticas e semânticas. Na verdade, parece ser um dos mecanismos mais importantes pelos quais as questões do uso linguístico realimentam e afetam as questões da estrutura linguística. É, portanto, uma rota importante pela qual as pressões funcionais deixam a sua marca na estrutura de uma língua.

Em inglês, por exemplo, *will* deixou de ser apenas um item lexical (que denota vontade) para ser uma forma gramatical de futuro simples, conservando seu significado antigo em alguns usos. No caso do PB, o verbo *querer* estaria muito distante desse percurso? – a teoria da gramaticalização pode nos ajudar a ver um possível processo em curso.

Para isso, buscamos respostas em estudos funcionalistas sobre gramaticalização (HOPPER, 1991; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991), auxiliarização (HEINE, 1993) e o domínio funcional² *tempo, aspecto e modalidade*.

²Domínio funcional corresponde a uma “área coberta por (macro)funções/significações que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente/regularizada, em diferentes níveis” (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p.81).

Além disso, nos apoiamos em conceitos da pragmática e da análise da conversação, como o Princípio da Cooperação, a Teoria dos Atos de Fala (Austin (1990) e Searle (1995)) e o estudo de implicaturas (Chierchia (2003), Levinson (2007) e Pinker (2008)).

Essa aproximação teórica se deu porque, na análise funcionalista, considera-se a descrição da linguagem humana a partir de princípios comunicativos. Nessa perspectiva, “a forma da língua é determinada pela função a que ela serve” (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p.77) e não o contrário. Acreditamos que “um enunciado é conteúdo, objeto epistêmico e ato de fala, tudo de uma vez” (SWEETSER, 1990, p. 75), portanto, nossa análise precisa levar em conta todos esses fatores também “de uma vez”.

Partir de teorias que foram construídas baseadas no uso é afirmar que os fenômenos explorados em estudos linguísticos surgem da realidade e não podem ser analisados desconsiderando elementos que os constituem. Conforme apontado por Cardoso (2014), “a gramática está a serviço da função comunicativa da linguagem, na expressão dos conhecimentos, crenças e intenções dos interlocutores, tendo, portanto, uma natureza cognitivo-pragmática”. Por isso, consideramos a investigação funcionalista e a pragmática análises complementares.

As categorias gramaticais *tempo*, *aspecto* e *modalidade* foram objeto de vários estudos do português brasileiro (PB), principalmente com viés funcionalista, e são problematizadas e reelaboradas por muitos linguistas. O processo de gramaticalização de itens que inicialmente codificavam desejo e intenção já foi estudado em diversas línguas e observado em PB, mas nenhuma pesquisa tratou sobre possíveis implicaturas geradas com esse uso. Pretendemos, com o desenvolvimento desta investigação, ampliar as discussões sobre o tema, contribuindo especificamente para os estudos da língua em uso, no contexto da pragmática, e, de certa forma, para a descrição do PB.

Neste texto trazemos os resultados que obtivemos a partir de uma pequena análise sincrônica, feita com base nas reflexões sobre modalidade, propostas em Palmer (1986), Bybee, Pagliuca e Perkins (1991; 1994), Neves (1996), Sweetser (2001) e Givón (2001), e sobre aspecto, encontradas em Fossile (2012) e Freitag, Araújo, Barreto (2013). Observamos a relação entre essas duas categorias em usos que levam ao domínio da futuridade (Gibbon (2000) e Bittencourt (2014)).

Na primeira parte desta pesquisa estão expostas as conclusões de estudos diacrônicos sobre gramaticalização de marcadores de futuro. Em seguida, elencamos as formas utilizadas para marcar futuro em PB, detstando o uso da perífrase *ir* + verbo no infinitivo.

Na segunda parte, delimitamos nossos objetivos e hipóteses e detalhamos o referencial teórico adotado que guiou a análise de dados reais de fala que implicam futuridade com o uso de verbo *querer* em primeira pessoa do singular e do plural.

Por fim, especificamos nossos procedimentos metodológicos e descrevemos o *corpus* utilizado. Encerramos com a discussão dos resultados e algumas considerações.

1. O objeto de estudo

1.1. Gramaticalização de marcadores de futuro

Uma das características das línguas naturais é sua capacidade de estar em constante mudança. As transformações linguísticas recobrem léxico, pronúncia, organização sintática e categorias gramaticais e podem ser *conservadoras* ou *inovadoras* (BENVENISTE, 1989). Nosso estudo envolve, especificamente, um tipo de transformação conservadora, que consiste em “substituir uma categoria morfológica por uma categoria perifrástica na mesma função” (BENVENISTE, 1989, p. 130).

No português brasileiro, observamos na marcação perifrástica de futuro o processo inverso do que ocorreu na transformação da marcação latina para a românica. A marca de futuro em português se desenvolveu a partir do latim, com o uso do auxiliar *habere* (verbo pleno que significava posse, *ter*). A construção originalmente tinha sentido de obrigação ou destino (BENVENISTE, 1989, p. 134), e, com o passar do tempo, gramaticalizou-se como um morfema de futuro: *amabo* > *amare habeo* > *amar hei* > *amarei* (ILARI, 2014, p.28).

No sintagma latino tal como ele efetivamente se constituiu, *habere* com infinitivo tem por função indicar a predestinação do objeto designado a se tornar tal. É um valor semântico novo e distinto, completamente diferente do valor de intenção que é frequentemente associado à noção de futuro (BENVENISTE, 1989, p. 134).

Benveniste (1989) pontua que coexistiram por muito tempo a marcação usual e a perifrástica com *habere* porque ambas veiculavam noções distintas: uma expressava o futuro como intenção, a outra como predestinação. Considerando o uso de *querer* como auxiliar, vemos que a implicatura de futuridade derivada desse uso retoma a expressão de futuro como intenção: *se eu irei/vou ir* é porque *quero ir*.

Não apenas em línguas originadas do latim podemos encontrar as mesmas trajetórias de gramaticalização vistas em português, mas em diversas outras que convergem na marcação de futuro como obrigação, predestinação e intenção.

Para Traugott e König (1991, p.189), a gramaticalização é um processo histórico, unidirecional e dinâmico, em que itens lexicais adquirem novo *status* gramatical ao longo do tempo. Esse processo ocorre em contextos específicos, podendo ser produto de inferências pragmáticas, como é o caso das gramaticalizações a partir de implicaturas.

As formas linguísticas não passam de uma categoria para outra, sem antes passar por pequenas transições, que tendem a ser similares em todas as línguas. Hopper (1991, p. 22) descreve esse processo de transição, estabelecendo cinco estágios da gramaticalização: estratificação (*layering*), divergência (*divergence*), especialização (*specialization*), persistência (*persistence*) e decategorização (*decategorialization*). Entretanto, não é necessário percorrer todos os estágios para que um item se gramaticalize.

Na marcação de futuro em português vemos os estágios de estratificação – dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas surgem continuamente, mesmo que se utilize mais de uma forma para funções idênticas – e de divergência – os estratos mais antigos não são necessariamente descartados, o item lexical se mantém em outros contextos. Dentro do estágio de estratificação, os estratos antigos podem permanecer, coexistindo e interagindo com os estratos mais recentes, como é o caso da coexistência das marcações de futuro por morfema e por perífrase.

Já Heine (2003, p. 579) ressalta que a gramaticalização envolve quatro mecanismos de mudança inter-relacionados: dessemantização (*bleaching*), extensão (ou generalização contextual), decategorização e erosão (ou redução fonética). Esses mecanismos podem ou não resultar na gramaticalização de um item e ocorrem em diferentes estágios desse processo.

Por exemplo, a mudança semântica nos estágios iniciais de gramaticalização não envolve necessariamente dessemantização (*bleaching*); pelo contrário, a mudança geralmente ocorre por meio de especificação alcançada por inferenciação (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 212). Outros mecanismos de mudança semântica são a expansão metafórica – relacionada à expansão de um domínio a outro – e a expansão metonímica, que acontece dentro de um mesmo domínio.

A gramaticalização é motivada por fatores extralinguísticos, principalmente cognitivos (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 27). Para Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 150), nesse processo atua o princípio de velhas formas para novas funções. Esse princípio busca os termos mais concretos possíveis para designar conceitos ou

fenômenos mais abstratos, o que ocorre em processos metafóricos. Segundo os autores, para explicar o desenvolvimento de categorias gramaticais, é preciso analisar como se dá a transferência conceitual que aproxima domínios cognitivos diferentes e os contextos que favorecem uma nova interpretação.

No quadro 1, são apresentados os tipos de mudanças, dentro de um *continuum* que vai do significado mais concreto ao mais abstrato. Podemos ver que, no caso da gramaticalização da perífrase *ir* + infinitivo (estendendo essa possibilidade a *querer* + infinitivo), *ir* passou a verbo auxiliar na perífrase de futuro, mantendo seu uso com o significado antigo (verbo de movimento) (significado concreto > significado abstrato; função pragmática > função sintática).

Semânticos	Significado concreto	>	Significado abstrato
	Conteúdo lexical	>	Conteúdo gramatical
Pragmáticos	Função pragmática	>	Função sintática
	Baixa frequência	>	Alta frequência
Morfológicos	Forma independente	>	Clítico
	Clítico	>	<i>Bound form</i>
Fonológicos	Forma completa	>	Forma reduzida
	Forma reduzida	>	Perda no <i>status</i> segmental

Quadro 1: alguns efeitos linguísticos comuns da gramaticalização, a partir do que propõem Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 213).

O uso de *querer* como verbo auxiliar em perífrase de futuro em português brasileiro coocorre com outras formas temporais, pois expressa uma nuance específica de significado de intenção, não marcada nas outras formas de futuro. Conforme afirma Givón (2001, p.307), verbos de modalidade, como *querer*, podem facilmente gramaticalizar-

se em auxiliares de tempo-aspecto-modalidade (TAM), e, eventualmente, em marcadores morfológicos.

A gramaticalização das categorias TAM é gradual, desenvolvida em várias etapas. Estruturalmente, o item gramaticalizado passa por um caminho de cliticização:

verbo principal > auxiliar > clítico > afixo > inflexão.

Semanticamente, um pequeno grupo de verbos gramaticalizam como marcadores de aspecto ou modalidade, somente mais tarde eles passam por uma gramaticalização secundária, como marcadores de tempo. As vias mais comuns são:

lexical source	primary target	secondary target
want, go, can, must, need, have(to)	irrealis	future
have, finish, come	perfect, perfective	past
stay, stand, sit live, sleep, continue, (be)	imperfective	present, habitual
(be +) nominal	imperfective	present, habitual

Quadro 2: vias de gramaticalização de marcadores de tempo, aspecto e modalidade, retirado de Givón (2001, p.367).

Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p. 244) apontam que marcações de futuro evoluem de uma gama bastante restrita de fontes lexicais – a partir de construções envolvendo verbos de movimento, marcadores de obrigação, desejo e habilidade e advérbios de tempo. Essas fontes lexicais se desenvolvem em *grams*³ de tempo e aspecto:

Desejo > intenção > futuro
Inglês: *willan* > *will*

Movimento em direção a um alvo > intenção > futuro
Inglês: *be going to*

³ Morfemas gramaticais que decorrem de morfemas lexicais.

Ter que + infinitivo > obrigação > futuro
 Latim: *inf + habeo*: Espanhol: *-ré*

Os *grams* se desenvolvem do material lexical por uma generalização gradual de significado, que é acompanhada por uma redução na forma e na fusão com o verbo.

Como ressalta Pereira (2013, p. 80), “para que haja mudança semântica, deve haver sempre uma ligação, ou seja, uma *associação* entre o significado antigo e o novo”. A mudança de expressão de modalidade para marcação de futuro do auxiliar modal *will* (verbo pleno > verbo auxiliar) ilustra essa associação entre os significados anterior e novo. O verbo *willan*, que antigamente significava *querer (to want)*, perdeu (na maioria dos contextos) o significado lexical específico de “um agente deseja” (BYBEE; DAHL, 1989, p.61). Desejo é, em uma das fontes lexicais do futuro, ponto anterior à realização de uma ação.

Em pesquisa apresentada por Bybee e Dahl (1989), são elencados dados de 64 línguas recolhidos em questionários aplicados a falantes nativos. Ao analisar dados referentes à marcação temporal, os pesquisadores descobriram que, nessas línguas, o futuro é bastante dividido entre a expressão perifrástica e a sintética (BYBEE; DAHL, 1989, p.56), ocorrendo em ambientes que requerem intenção, predição ou uma combinação desses dois sentidos.

Esses pesquisadores também ressaltam que os caminhos pelos quais *grams* se desenvolvem podem ser os mesmos ou similares em todas as línguas, e que as diferenças entre significados expressos por *grams* de tempo e aspecto entre as línguas correspondem à localização particular do *gram* em uma das trajetórias universais em um momento particular. Segundo eles, “expressões com um verbo significando *desejo, movimento em direção a um alvo* ou *obrigação* desenvolvem *grams* expressando intenção e futuro” (BYBEE; DAHL, 1989, p.57).

As maiores fontes de *grams* de futuro, que foram documentadas nos numerosos exemplos analisados por Bybee e Dahl (1989, p.90), são:

- Verbo auxiliar com significado original de *querer* ou *desejar*, ou, menos comumente, morfema derivacional desiderativo, que tem sua origem em verbos principais significando *querer* ou *desejar*;
- Construção significando *movimento em direção a um alvo* que contém verbo de movimento de aspecto progressivo ou imperfectivo e componente alativo, explícito ou incorporado ao verbo;

- Verbo significando *dever* ou *ser obrigado a*, ou construção com verbo cópula ou de posse.

O contexto linguístico – tipo de sujeito, tipo de verbo principal, etc. – que acompanha o item gramaticalizado também faz parte da sua gramaticalização. Os autores destacam que

verbos lexicais e auxiliares, em estágios iniciais de desenvolvimento, frequentemente eram restritos a sentenças com certos tipos de sujeitos e, no caso dos verbos auxiliares, certos tipos de verbos principais. O verbo *want*, por exemplo, tende a ocorrer com sujeito animado e seu uso com um sujeito inanimado deve ser visto como metafórico (BYBEE; DAHL, 1989, p.63).

Vale ressaltar que universais como as fontes lexicais de *grams* de futuro não precisam ser absolutos. Segundo Givón (2001), devido à competição de múltiplos fatores (cognitivo-comunicativos, gramaticais, socioestilísticos), “diferentes línguas podem codificar um mesmo ‘domínio funcional’ por meio de diferentes recursos estruturais, em grau variável de densidade” (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p.81). O autor pontua que

previsões sobre padrões de gramaticalização quase sempre têm esse padrão unidirecional [*one-way-conditional*], pelo qual se pode prever que, se um padrão gramaticalizado for encontrado, ele provavelmente irá aparecer primeiro em um *locus* específico ao longo do domínio funcional, e pode, então, se espalhar em uma direção específica. O que ninguém pode prever é se um padrão particular de gramaticalização vai ou não ter lugar em uma língua particular (GIVÓN, 2001, p.313).

Em português, temos marcas de futuro derivadas das três fontes lexicais apontadas acima. Nesta pesquisa, nos detivemos à fonte do *desire future*, que será detalhada na seção 6.2 e é ilustrada na figura 1 abaixo:

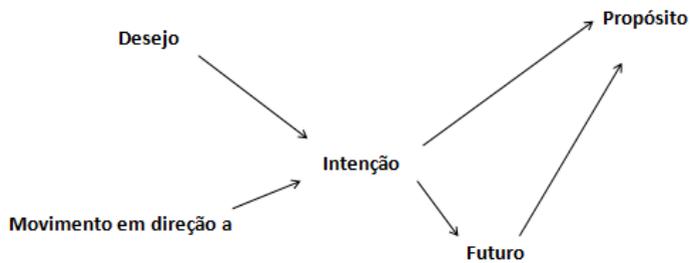


Figura 1: trajetória de desenvolvimento a partir de desejo e movimento apresentada por Bybee et al. (1994, p. 240).

1.2. Marcação de futuro em português brasileiro

O tempo é percebido na língua quando elencamos fatos em sequência, utilizamos advérbios, ou flexionamos verbos. Em um enunciado, são diversos os mecanismos utilizados para ordenar fatos que ocorreram ou que podem ocorrer no mundo real.

A construção morfológica do verbo em português segue a “fórmula geral” (CAMARA JR., 2002, p. 104): radical + vogal temática + sufixos modo-temporais + sufixos número-pessoais (com possibilidade de zero \emptyset nos sufixos flexionais). No verbo flexionado, há muitas informações acopladas. Nos morfemas de flexão verbal (e em outros itens atrelados ao verbo) estão inclusas significações de tempo, aspecto e modo.

A complexidade para a interpretação do morfema flexional, propriamente verbal, em português, decorre, em primeiro lugar, da cumulação, que nele se faz, das noções de tempo e de modo, além da noção suplementar de aspecto que às vezes se inclui naquela primeira (CAMARA JR., 2002, p. 98).

Conforme vimos na seção anterior, “muitas construções utilizáveis para expressar tempo exprimem também outros conteúdos, sobretudo de modo e aspecto” (ILARI, 2014, p. 9). Considerando que o futuro é codificado em enunciados indicando a previsão do falante de uma situação que ocorrerá subsequente ao evento de fala, o “fator modalidade” não pode estar desvinculado desse domínio. A partir da modalidade, principalmente das orientadas para o agente e para o falante, se desenvolvem fontes de gramaticalização para marcadores de futuro.

Como afirma Gibbon (2000, p.45) em seu estudo sobre a forma perifrástica de futuro *ir* + infinitivo, é possível destacar o componente de modalidade no tempo futuro. “A modalidade é relevante para o futuro, não só na sua expressão, mas também na sua formação”. A autora defende que

a forma perifrástica entrou na língua para expressar a modalidade (intenção, certeza) e que após um primeiro momento, assumiu também a codificação de tempo futuro, ocupando o espaço do futuro do presente. O verbo que originalmente

significava apenas “movimento para” passou pelo processo de dessemantização, perdendo seu valor referencial e passando a veicular significados de natureza pragmático-discursiva.

A forma perifrástica com *ir* + infinitivo começa a ser utilizada ocupando o espaço antes preenchido pela perífrase com *haver de* + infinitivo, “passando a concorrer, ainda que com baixa incidência, com o futuro sintético na expressão do futuro verbal em português” (OLIVEIRA; OLINDA, 2008, p. 108). O caminho para a gramaticalização da perífrase *ir* (presente) + infinitivo pode ser observado no quadro 3 abaixo, da esquerda para a direita:

Verbo IR pleno	Verbo IR auxiliar de futuro	Verbo IR auxiliar de futuro	Verbo IR auxiliar de futuro	Morfema-vocábulo (CASTILHO, 2010)
Vou para casa depois da escola.	Vou viajar.	Vou dizer.	Vou ser feliz. Vai chover.	Vou ir.

Quadro 3: estágios de gramaticalização da perífrase *ir* (presente) + infinitivo, adaptado de Gibbon (2000).

O futuro simples é pouco utilizado em português brasileiro, principalmente na modalidade oral (PERINI, 2010, p. 224), provavelmente porque a forma perifrástica – tanto a gramaticalizada, utilizando *ir*, quanto a que analisamos aqui, com o verbo auxiliar *querer* – “indica fato que se dá como de ocorrência certa e imediata, porque está na dependência apenas da intenção do falante, *eu* ou *nós* (MERCER, 2011, p. 387)”.

Atualmente, em português brasileiro, diferentes formas são utilizadas para marcar tempo futuro, por exemplo:

- **Formas simples:** futuro simples

Farei aniversário em breve.

presente do indicativo

Amanhã faço aniversário.

- **Formas perifrásticas:** *hei de + infinitivo*
Hei de fazer uma festa de aniversário.

ir + infinitivo
Vou fazer aniversário amanhã.

querer + infinitivo (por implicatura)
Quero fazer uma festa de aniversário.

No uso de perífrase, o verbo auxiliar assume as flexões (de tempo, modo ou pessoa) e é seguido por verbo pleno não conjugado, em alguma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio). Nas formas simples, o futuro se dá pelo morfema (no caso, *-ei*) e pelo advérbio, ou outra expressão temporal indicando futuro (no caso, *em breve* e *amanhã*). Perini (2010) ressalta que também é apontada nas gramáticas a marcação de futuro composto/ perifrástico pela forma com *ter/haver + particípio*.

1.3. Objetivos

A partir da observação da atitude do falante em relação aos enunciados que o cercam, tencionamos testar se as implicaturas associadas à expressão de intenção ou desejo levam à inferência de futuro em PB.

O propósito desta pesquisa é investigar o uso do verbo *querer* em proposições que implicam futuridade. Para isso, elencamos nos enunciados que disparam essa implicatura os usos *mais aspectuais* e *mais modalizados* a fim de verificarmos qual categoria funcional exerce maior influência na marcação de temporalidade.

1.4. Questões e hipóteses

Para atender nossos objetivos, analisamos dados reais de fala tendo em vista as seguintes questões:

- Implicaturas decorrentes da expressão de intenção e de desejo levam a uma interpretação de tempo?
- Em PB, a noção de futuridade derivada do verbo auxiliar *querer* se dá por implicatura, tipo de inferência cancelável. Seria por isso que esse uso não está gramaticalizado como marcação de futuro por perífrase?
- Ou essa inferência é não cancelável, inerente ao item lexical (implicatura convencionalizada), e, com isso, esse uso já é gramaticalizado?
- A implicatura é uma inferência pragmática, mas a implicatura generalizada é diferente, pois não precisa de um contexto específico para ser inferida. Se for esse o caso, a inferência de futuro deriva do item *querer* independentemente do contexto conversacional?
- Utilizar *querer* para marcar futuro indicaria pouco comprometimento por parte do falante, porque além do futuro ser inerentemente *irrealis*, a inferência está no plano do não dito?
- *Ir* é um verbo polissêmico, indica movimento no espaço e no tempo, podendo atuar como auxiliar em futuro perifrástico. A polissemia de *querer* (desejo e intenção) também seria responsável pela possibilidade desse item funcionar como auxiliar nessa marcação temporal?

Acreditamos que a noção de futuro seja comunicada por implicatura nas sentenças em que *querer* atua como verbo auxiliar. Pode ser o caso de implicatura convencionalizada e que o uso do item lexical para disparar essa inferência esteja em estágio inicial de gramaticalização.

É inerente ao item *querer* a projeção de *irrealis*. O item projeta essa modalidade para a asserção que está sob seu escopo, porém a implicatura de futuridade só acontece quando, somado à projeção *irrealis*, atuam outras pistas contextuais.

Utilizar a perífrase com *querer*, no lugar de outra marca de futuro, indica desejo interno do agente que o move a uma ação futura. Portanto, há forte grau de comprometimento do falante (nos usos em primeira pessoa) diante da proposição: a ação projetada para o futuro é resultado de intenção própria. Dessa forma, ao pretender uma implicatura de futuridade com *querer*, o falante faz um ato de fala compromissivo.

Segundo Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p. 255, tradução nossa), “os futuros de desejo terão nuances de vontade em algum estágio de seu desenvolvimento”. Hipotetizamos que “o futuro de desejo” é perceptível em português brasileiro com o uso de *querer* como auxiliar modal. Não podemos delimitar seu estágio específico de gramaticalização sem desenvolver um estudo diacrônico, mas defendemos que condições iniciais estão estabelecidas, como a perda de informação semântica (denotação de *desejo*) e ganho pragmático (expressão de *volição*).

2. Referencial teórico

A fim de buscarmos respostas para as questões destacadas, fizemos um levantamento bibliográfico de produções que têm como pano de fundo a perspectiva de análise do funcionalismo linguístico e da pragmática.

Segundo Castilho (2012, p. 21),

o funcionalismo não é uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subcategorias na postulação de que uma língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam sua gramática.

Nessa perspectiva, uma categoria linguística não pode ser “pré-definida, rígida, sem possibilidades de alteração”. Na língua, em constante variação, “uma categoria que hoje funciona de uma dada maneira, no futuro, poderá funcionar de outra” (CARDOSO, 2014, p. 38), com transformações motivadas por fatores cognitivos e comunicativos.

Givón (2012, p. 16) pontua que

é improvável que as exigências da seleção do tema, relações tópico-comentário, pressuposição, convenções falante-ouvinte, figura-fundo, e assim por diante não sejam refletidas na estrutura do instrumento – linguagem – moldada para realizar a comunicação.

Portanto, ao investigarmos a estrutura da língua, investigamos também sua profundidade, suas motivações. Buscamos compreender usos da língua e, para isso, devemos considerar seus contextos, suas origens e funções, dentro de uma concepção de gramática cognitivo-funcional.

Neste trabalho tratamos especificamente de inferências de temporalidade retiradas de enunciados com marcação de modalidade. Essas categorias fazem parte de um subsistema gramatical complexo chamado *tempo, aspecto e modalidade* (TAM) (Givón, 2001). A

fronteira entre os componentes desse subsistema é pouco precisa e, por isso, é impossível dissociar completamente um componente de outro: vemos, em marcações temporais, reflexos de modalidade e de aspecto e vice-versa.

Destacamos a implicatura de futuridade a partir de usos de *querer* como verbo auxiliar em primeira pessoa e, para a investigação de um possível processo de gramaticalização envolvendo esse item, elencamos estudos sobre o estatuto gramatical do verbo, o domínio funcional TAM, auxiliarização, atos de fala e inferências pragmáticas – especialmente implicaturas.

2.1. Estatuto do verbo *querer* em PB

De acordo com as acepções de *querer* do dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009), o verbo é utilizado em seu sentido pleno, como auxiliar, e em expressões como *quer dizer* e *sem querer*. Alguns significados relacionados no verbete são especialmente interessantes para nossa pesquisa:

Verbo transitivo direto

1 ter o desejo ou a intenção de; tencionar, projetar

Ex.: *ela queria viajar nas férias*

transitivo direto, transitivo direto predicativo e pronominal

2 desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado etc.

Exs.: *nem de graça quero esse homem aqui*
quero-os agora aqui, junto a mim

transitivo direto

3 desejar com especial interesse; aspirar, pretender

Ex.: *quero seriedade nesse projeto*

transitivo direto

4 fazer tenção de; ensaiar, tentar, procurar

Exs.: *com um ano, já queria correr*

ao q. equilibrar-se sobre a trave, caiu

bitransitivo

5 ter em mente (como objetivo) quanto a; pretender, desejar

Ex.: *mas que quer ele de nós?*

transitivo direto

8 determinar de modo incisivo; exigir, ordenar

Ex.: *quero que saiam imediatamente daqui*

intransitivo

9 Uso: sentido absoluto.

manifestar a própria vontade com decisão

Exs.: *q. é poder*

quando ela quer, não há o que a demova

transitivo direto

10 dar consentimento para; consentir, permitir

Ex.: *não queria que os alunos lanchassem no pátio*

transitivo direto

11 estar de acordo em, anuir a (um convite, uma sugestão, um oferecimento etc.)

Ex.: *quer passar lá por casa hoje?*

transitivo direto

13 ter necessidade de; requerer, exigir

Exs.: *uma boa refeição quer um bom vinho*

plantas querem sol e água

transitivo direto

14 dispor-se a, ter a bondade de

Exs.: *se quiser conversar, estou à disposição*

queira sentar-se, por favor

transitivo direto

17 estar na iminência de ou ter possibilidade de; ameaçar

Ex.: *o vento quer derrubar tudo*

Ao analisarmos o verbo *querer* em enunciados que implicam futuridade, vemos que, nesses casos, ele funciona como verbo auxiliar. Entretanto, não fica claro se esse verbo é um auxiliar modal, tal qual *will* em inglês⁴, ou de modalidade, como *to want*.

Dever e *ter* são verbos modais em língua portuguesa e seus usos envolvem significações de obrigatoriedade que levam a interpretações de futuridade. Podemos pensar em *querer* da mesma forma, mas envolvendo o sentido de intencionalidade, a partir da expressão da atitude do falante diante do enunciado.

⁴ “É claro que em inglês *will* é marcador de modalidade mais que tempo (*tense*), pois faz parte de um sistema definido de verbos modais” (Palmer, 1986, p. 8).

Os gramáticos Rocha Lima (2010, p. 182-183) e Evanildo Bechara (2009, p. 232) listam *querer* como verbo auxiliar. A função do verbo auxiliar é acompanhar outro verbo no infinitivo, particípio ou gerúndio para a formação de tempos compostos (como o futuro perifrástico), expressando aspectos não traduzíveis pelas formas verbais simples.

Em usos como *eu quero ser professor*, o auxiliar “traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte” (BECHARA, 2009, p. 270) que não existe em *serei professor*. Esse desejo do falante é marca de modalidade, mas, nesse tipo de enunciado, pode significar também que *ser professor* é fato que está previsto para ocorrer após o momento de fala, portanto, dentro do domínio do tempo futuro.

Terra (2009), em seu estudo sobre os padrões funcionais do verbo *querer* em PB, conclui que, a partir do português arcaico, a marca de volição do verbo “começa a concorrer com outros conceitos modais: manipulação, proibição, permissão, necessidade, hipótese e possibilidade”. Além disso, passou “de verbo pleno para semi-auxiliar (ou auxiliar semântico), formando perífrases com outros verbos que atuam com função de verbo pleno, enquanto *querer* passou a ativar propriedades relacionadas ao modo” (TERRA, 2009, p.85).

2.2. Tempo: futuro

Segundo Givón (2001), tempo é uma categoria essencialmente pragmática, pois se ancora no contexto discursivo e faz referência a um ponto externo à proposição. Trata-se, então, de uma categoria dêitica, porque referencia um acontecimento ou ocorrência no mundo: identifica a situação enunciada (momento do evento - ME) em relação ao momento de fala (MF).

O tempo (*time*) está codificado na língua de duas maneiras: no tempo verbal (*tense*) e no aspecto, valores que são expressos pelo verbo ou por um auxiliar.

É importante fazermos a distinção entre *time* e *tense* já que discutimos aqui o domínio funcional *tense-aspect-modality* e como esse domínio é explorado para a marcação do tempo cronológico.

O tempo (*tense*), segundo Givón (2001, p. 285), envolve a codificação sistemática da relação entre dois pontos ao longo de uma dimensão linear

ordenada do tempo (*time*): o tempo de referência e o tempo do evento (BITTENCOURT, 2014, p. 92).

Tempo verbal (*tense*) é uma categoria gramatical que expressa a referência temporal da língua, codificando a relação entre dois pontos (de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade) ao longo da dimensão linear do tempo. *Tense* pode ser definido como uma categoria relacionada ao *time*, sem ser a única possibilidade de representá-lo.

Existem três tempos verbais absolutos, presente, passado e futuro, estabelecidos a partir do momento de fala (MF), que é tomado como o ponto de referência zero, também denominado de âncora ou centro dêitico.

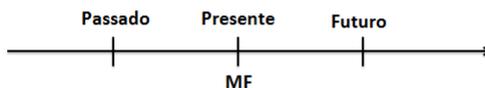


Figura 2: relações entre momento de fala e tempo.

Quando marcamos o tempo em uma sentença, organizamos cronologicamente o momento de fala (MF), o momento do evento (ME) e o momento de referência (MR) (REICHENBACH *apud* ILARI, 2014). Fazemos uma espécie de apontamento ao selecionarmos uma ou outra referência temporal (morfema, adjuntos, etc). Conforme afirma Pinker (2008, p. 226):

um tempo verbal só localiza uma situação em relação a um ponto de referência (o momento de fala ou um fato referencial), e não em coordenadas fixas como o relógio ou o calendário. Ele se preocupa com a direção (antes ou depois), mas ignora a distância absoluta (dias, horas, segundos). E normalmente ignora a composição da coisa que está sendo localizada, tratando-a como um ponto ou uma massa amorfa sem componentes internos visíveis.

O presente seria o equivalente ao momento de fala; o passado, a algo que ocorreu anterior ao centro dêitico; e o futuro, que é um potencial, depende do desenrolar dos fatos a partir do presente. No

futuro, o momento do evento sempre será posterior ao momento da fala, podendo coincidir ou não com o momento de referência.



Figura 3: linha do tempo representando o futuro, ME posterior ao MF.

Outra distinção importante a se fazer é entre os conceitos *futuro* e *futuridade*. Gibbon (2000) ressalta que a futuridade é um domínio funcional amplo “que recobre noções que apontam para situações projetadas a partir do momento de fala”. Portanto, uma projeção hipotética proveniente do conhecimento experiencial do ser humano.

Dentro do amplo domínio da futuridade está o futuro, que também se refere a situações projetadas a partir do momento de fala, além de expressar modalidade e aspecto. O futuro aponta para o ME posterior ao MF, ou seja, é uma previsão feita pelo falante de que a situação mencionada na proposição irá se realizar.

A expressão do futuro pode ocorrer em tempos verbais, mas também pode ser marcada pela distinção entre acontecimentos *realis* e *irrealis*. Os acontecimentos futuros seriam expressos como hipotéticos, que podem vir a acontecer, portanto *irrealis*.

Para Givón (2001), a assimetria sistemática entre passado (fato, verdade, certeza) e futuro (possível, incerto) percorre a gramática em vários níveis. As razões mais prováveis disso são cognitivas, tendo a ver com diferenças na intensidade e na estabilidade da representação cognitiva dos eventos memorizados *versus* imaginados.

Para Bybee, Pagliuca e Perkins (1991; 1994), o futuro não representa uma referência ao tempo futuro da mesma maneira que o passado representa tempo passado, pois noções de futuro não envolvem fatos concretos, mas hipóteses, desejos e projeções. Os autores afirmam que o uso prototípico de marcas de futuro serve para assinalar que uma asserção sobre o tempo futuro está sendo feita.

Sendo assim, de acordo com Camara Jr (1957 *apud* GIBBON, 2000), a categoria futuro não ocorre “pela necessidade da expressão temporal; concretizam-no certas necessidades modais, de sorte que o futuro começa como modo muito mais do que como tempo”.

A hipótese de Bybee, Pagliuca e Perkins (1994) sobre futuro é de que ele decorre de *grams*, os quais surgem do material lexical que passa

por *vias de desenvolvimento*. São essas vias indicam o que pode e o que não pode acontecer na evolução de um *gram* de uma determinada fonte.

O futuro evolui a partir de uma gama bastante restrita de recursos lexicais – de construções que envolvem verbos de movimento, de obrigação, desejo e habilidade, e de advérbios temporais. Nesta pesquisa ressaltamos as construções que envolvem desejo, considerando o estágio de intenção essencial para compreender o desenvolvimento da função de predição.

Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p.256) propõem uma escala de desenvolvimento da expressão de futuro a partir do desejo, passando pela vontade e pela intenção, até alcançar o sentido de predição. Para os autores, um caminho de futuro orientado para o agente começa com desejo:

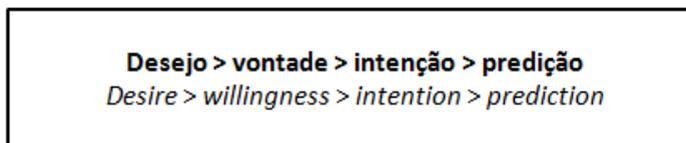


Figura 4: trajetória de gramaticalização do futuro de desejo, conforme Bybee, Pagliuca e Perkins (1994, p.256).

No banco de dados explorado em *The Evolution of Grammar* foram apresentados oito *grams* classificados como *desire-future*: cinco deles podendo expressar desejo (ou vontade) e/ou o futuro, e três oriundos de fontes lexicais com significados anteriores de desejo (BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1994, p.254).

O desejo pode dar origem a expressões de vontade (*willingness*) que implicam em futuro (ex.: *I will help you*) a partir de metáforas. A metaforização é uma das possíveis vias de desenvolvimento de gramaticalização: itens lexicais, em interpretação metafórica, passam a representar categorias gramaticais. Geralmente esse processo envolve um item lexical mais concreto utilizado para expressar algum conceito mais abstrato.

Metaforizar o futuro a partir de um verbo de volição é uma tendência de gramaticalização, porque, de acordo com Heine, “*the primary source of future tenses is provided by motion schemas (X goes to/comes to Y) and volition schemas (X wants Y)*” (HEINE, 2003, p. 594).

Abaixo vemos alguns exemplos de interpretação metafórica que derivam significação de futuro:

Eu vou ir. ———→ TEMPO é ESPAÇO/ FUTURO é META

Eu tenho que ir. ———→ OBRIGAÇÃO é FUTURO

Eu quero ir. ———→ VOLIÇÃO é FUTURO/
FUTURO é OBJETO DE DESEJO

As três sentenças podem ser utilizadas para marcar um evento projetado ao futuro (no caso, *ir*) em português. Na primeira, vemos a auxiliarização do verbo de movimento, que pode ser explicada pela relação cognitiva entre espaço e tempo (GIBBON, 2000). Na segunda temos a expressão de uma obrigação e na terceira, a expressão de volição: *ter que ir* pode significar *vou porque algo me obriga, já querer ir* pode implicar que *posso não ir, apesar de ser minha vontade*.

“O sabor metafórico da linguagem vem do fato de que conceitos estruturais como *ir, lugar e agonista* mantêm conexões com o raciocínio físico” (PINKER, 2008, p. 290). Nossa percepção temporal se assemelha à espacial, tanto que utilizamos parâmetros espaciais para nos referirmos a tempo, como o *passado que ficou para trás* ou o *futuro que temos pela frente*. Pinker (2008, p.221) ressalta a metáfora ORIENTAÇÃO TEMPORAL relacionando essas duas categorias e apresenta outras como: TEMPO EM MOVIMENTO (ex.: *O prazo está se aproximando*) ou OBSERVADOR EM MOVIMENTO (ex.: *Estamos na metade do semestre*). A existência desse tipo de metáfora conceitual revela a relação entre tempo e espaço na cognição humana, que consiste em uma “congruência na interpretação” sem que haja ligação linguística entre tempo e espaço.

Pinker (2008, p. 227) chama atenção para a marcação de futuro no inglês por meio de auxiliares (*will, going to, shall*). Tanto *will* como *going to/gonna* carregam ambiguidade entre futuro e intenção. Segundo o autor, é como se a evolução de marcadores de futuro a partir de verbos volitivos ou de movimento reforçasse que “as pessoas têm o poder de fazer seu próprio futuro”. Não é a toa que o futuro em inglês (*will*) tenha a mesma sintaxe de enunciados com modais de necessidade, possibilidade e obrigação, já que o que vai acontecer se desenrola a partir do que deve, pode, deveria acontecer ou queremos que aconteça.

2.3. Aspecto

Além do tempo, e relacionado a ele, outra categoria que compõe o complexo domínio funcional TAM é o aspecto. O tempo (*tense*) é ancorado no contexto discursivo, já o aspecto seria o tempo inerente ao desenrolar de um evento.

Um falante pode categorizar o tempo (*time*) de duas maneiras: relacionando-o ao momento de fala ou destacando o tempo interno de um evento. O tempo, portanto, é uma categoria dêitica e o aspecto não faz referência a um fato no mundo, mas determina a duração e as fases de uma situação.

Diversos estudiosos se debruçaram sobre esse domínio funcional e propuseram diferenciações e definições específicas. Em Fossile (2012, p. 50-51) encontramos um quadro resumindo definições básicas dessas categorias, a partir do grande levantamento bibliográfico realizado pela autora na investigação dos valores aspectuais do português brasileiro e do alemão. Podemos conferir o quadro-síntese abaixo:

Tempo	Aspecto
É unidirecional.	Expressa a natureza interna de uma situação.
Categoria dêitica.	Categoria não-dêitica.
Expressa o tempo externo ao fato. Codifica o MF em relação ao ME.	Expressa o tempo interno ao fato.

Quadro 4: diferenças entre tempo e aspecto, segundo levantamento de Fossile (2012).

Existem diferentes valores aspectuais – durativo, iterativo, etc. –, que podem parecer muito semelhantes em determinados contextos. Esses valores refletem eventos que podem ser (COMRIE, 1976 *apud* FOSSILE, 2012, p.56):

- Télícos (situações que tendem a um ponto final) ou
- Atélícos (situações que não tendem a um fim);
- Pontuais (quando o evento se realiza em um determinado ponto) ou
- Durativos (quando o evento perdura no tempo);
- Estáticos (as fases de um evento são homogêneas) ou
- Dinâmicos (evento com fases diferentes).

O aspecto pode ser marcado em uma sentença com o uso de elementos gramaticais, mas não exclusivamente. O valor ou significado aspectual pode ser expresso via gramática (com usos de perífrases, advérbios ou repetições, por exemplo), por meio do conteúdo semântico do verbo⁵ ou por morfologia (afixos e processos derivação). Entretanto, distintas marcações podem se combinar de modo que seja criado um novo significado aspectual, reforçando ou anulando o significado aspectual inerente.

Por exemplo, o verbo *empurrar* marca um evento pontual, télico, mas pode assumir outras características dependendo do contexto em que é utilizado. Vemos em (i) e (ii) que o aspecto é diferente em cada sentença:

(i) *Ele me empurrou e eu caí num buraco.*

(ii) *O pipoqueiro empurra seu carrinho todos os dias.*

O valor de (ii), apesar de *empurrar* ser um evento pontual, é durativo enquanto o de (i) permanece pontual. Essa diferença existe, principalmente, devido aos sufixos flexionais e a presença de locução adverbial em (ii).

Portanto, temos dois “tipos” de aspecto: o gramatical, na perspectiva comunicativa associada ao evento expresso no verbo; e o inerente à raiz verbal, também chamado de acionalidade. Vendler (1967 *apud* FOSSILE, 2012) propôs uma classificação de verbos com base em seus traços aspectuais, divididos em quatro categorias que englobam verbos de atividades, *accomplishments*, *achievements* e estados.

Na perspectiva vendleriana, *querer* se encaixa na classe de verbos de estado (FOSSILE, 2012, p.57). Observamos em nosso *corpus*, porém, casos em que o estado volitivo do falante resulta em uma ação. Nesses casos, outros fatores gramaticais compõem o valor aspectual desse verbo, que varia em cada ocorrência.

Querer também aparece em Givón (2001) dentro do grupo de verbos estativos, mas como “estativo temporário”. O autor divide *acionalidade* em quatro categorias de eventos:

▪ **Compact:** muito curta duração; início e fim bem definidos (ex.: piscar, tossir, atirar, chutar, bater).

⁵ Acionalidade ou *Aktionsart* é o “aspecto lexical”, inerente ao lexema verbal, independente das realizações gramaticais (FOSSILE, 2012, p. 56).

- **Accomplishment:** durativo e télico; o foco está no ponto de culminação (ex.: chegar, partir, terminar, conseguir, cair, morrer, nascer, sentar).
- **Activity (process):** mais ou menos durativos, télicos ou atélicos. (ex.: de menor duração: quebrar, esmagar, curvar, torcer, pisar; de maior duração: caminhar, trabalhar, ler, dançar).
- **Stative:** estados; muito longa duração, sem foco no início ou no fim (ex.: temporários: estar feliz, estar quente, querer, acreditar, ter; durativos: ser alto, ser grande, ser vermelho).

Como indicado acima, Fossile (2012) reúne diversas categorias de aspecto observadas em PB após uma revisão bibliográfica extensa, mas conclui fazendo uma distinção prática: agrupa os muitos valores aspectuais nos aspectos perfectivo e imperfectivo. Vários trabalhos selecionados pela autora mostram que seus autores encaixam em categorias diferentes (ou estabelecem nomenclatura própria para) verbos que são muito semelhantes no que diz respeito à duração e características do evento que denotam.

Também em Pinker (2008) encontramos como tipos mais evidentes o perfectivo e o imperfectivo. O aspecto pode ser perfectivo, quando observamos o evento como um todo, ou imperfectivo, quando focamos em uma fase do evento, não importando sua delimitação.

Dentro da grande classe de aspecto imperfectivo está o inceptivo (ou ingressivo), que expressa o ponto de início ou os primeiros momentos de uma situação (FOSSILE, 2012, p. 89). Segundo Castilho (2010, p.421), o aspecto inceptivo “expressa uma duração de que se destacam os momentos iniciais. Esse aspecto depende fortemente de construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio [...]”, como em:

Eu quero passar eles na canela, pode passar já? (bfamd133)

De acordo com exemplos apresentados em Castilho (2010), vemos que a significação inceptiva deriva do verbo auxiliar, como é o caso de *querer* em nossa análise. O foco é dado somente à fase inicial do evento, ou seja, o momento iminente⁶ em que *querer* deixa de ser uma volição e passa a ser uma ação. *Querer* é “já”, portanto uma ação a

⁶ Podemos pensar no momento iminencial como referente ao fato em si (aspecto interno ao verbo), ou se referindo ao momento imediatamente anterior a esse fato.

realizar-se em futuro imediato, enquanto *desejar* carrega a ideia de longo prazo.

O aspecto inceptivo leva à modalidade de mais certeza, pois envolve mais comprometimento por parte do falante. A iminência da ocorrência do evento pressupõe uma curta “distância temporal” entre MF e ME, pois a situação está prestes a se iniciar (em vias de inceptividade). Entretanto, o comprometimento do falante não permite que se assegure o início do evento, porque, como veremos na próxima subseção, mesmo que as situações sejam favoráveis, qualquer proposição que toma o futuro como referência é inerentemente *irrealis*.

Dentro de uma semântica da aspectualidade, o iminencial se refere a contextos em que há a expectativa de que uma situação ocorra, mas que não necessariamente se concretizou, ficando, assim, na fronteira limítrofe entre o domínio do aspecto e o da modalidade (FREITAG; ARAÚJO; BARRETO, 2013, p. 112).

Para Freitag, Araújo e Barreto (2013, p. 104), sobre a expressão da iminencialidade, “é possível fazer uma leitura com gradações que vão do [- *irrealis*] ao [+ *irrealis*], a depender do conjunto de traços contextuais que indicam o grau de certeza expresso no enunciado”. Por se referir a situações que estão prestes a ocorrer, mas que necessariamente não precisam se concretizar, esse valor aspectual está ligado à facticidade, logo, ao âmbito da modalidade.

Mais uma vez destacamos que os componentes de um domínio funcional são interligados. As marcações de futuro, inclusive por meio da interpretação por implicatura, envolvem *tempo*, *aspecto* e *modalidade* e em cada uso, em cada contexto, haverá maior ou menor participação de um desses elementos na marcação temporal.

2.4. Modo e modalidade

A modalidade apresenta o posicionamento do falante frente à proposição. Segundo Palmer (1995, p. 2), a noção de modalidade é vaga, pois engloba diversas definições e envolve o sentido de opinião ou atitude do falante.

Nesta subseção elencamos visões de diferentes autores sobre modalidade. A nomenclatura utilizada e algumas definições de conceitos

variam bastante, mas podemos ver que seus postulados são convergentes em muitos aspectos. A variedade terminológica acontece devido a distintas perspectivas e a enfoques específicos.

Primeiramente, delineamos os conceitos *modo* e *modalidade* e apresentamos as principais colocações de Givón (2001), Bybee, Pagliuca e Perkins (1991; 1994), Palmer (1986) e Sweetser (2001) acerca do tema. Concluímos fazendo uma reflexão sobre o verbo de volição *querer* e seu uso como auxiliar, como verbo modal ou de modalidade em PB.

2.4.1. *Modo*

Enquanto a modalidade é um domínio conceptual, o modo é sua expressão flexional (Bybee, Pagliuca e Perkins, 1994, p. 181). É, por definição, a categoria resultante da gramaticalização da modalidade epistêmica, deôntica ou de qualquer outro tipo.

Modo é associado ao sistema verbal da língua, já modalidade não é relacionada semanticamente ao verbo, mas a toda a sentença ou turno de fala.

Os modos do paradigma verbal do português são: subjuntivo, indicativo e imperativo.

2.4.2. *Modalidade*

A modalidade expressa a atitude do falante em relação à proposição, não trata de valores de verdade⁷, mas da escolha do falante entre os dois tipos de julgamento, *epistêmico* e *avaliativo* (deôntico), que podem ser feitos sobre a informação proposicional trazida na sentença. Para Givón (2001), a atitude do falante não incide somente sobre a asserção, mas, também, sobre a atitude do ouvinte face à proposição.

Por *atitude* entendemos os dois tipos de julgamento feitos pelo falante sobre a informação proposicional trazida nos enunciados:

⁷ “*Mood is not about truth values, but about the speaker’s choice between assertion and contrasting functions*” (BYBEE, PERKINS e PAGLIUCA, 1994, p. 240).

- O **juízo avaliativo**: se refere à (i) conduta ou às normas, aquilo que se deve fazer (Givón, 2001), (ii) significados que denotam obrigação no mundo real, permissão ou habilidade (Sweetser, 2001), (iii) conveniência, preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação (Bybee, Pagliuca e Perkins, 1994).
- E o **juízo epistêmico**, que denota necessidade, probabilidade, possibilidade, verdade, certeza, crença e evidência (Bybee, Pagliuca e Perkins, 1994; Sweetser, 2001; Givón, 2001).

A tradição lógica tratou as modalidades epistêmicas como uma propriedade de proposições destacadas de seu contexto comunicativo, classificando-as em: fato (necessariamente verdade e verdade factual) e não-fato (verdade possível e não verdade). Givón (2001), em *Tense, aspect and modality I: functional organization*, propõe uma nova organização dessa classificação, pautado na pragmática interativa, e apresenta uma lista de estados epistêmicos e metas comunicativas dos participantes da interação (falante e ouvinte): pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e negação.

Tradição lógica	Equivalente comunicativo
Necessariamente verdade	Pressuposição
Verdade factual	Asserção <i>realis</i>
Verdade possível	Asserção <i>irrealis</i>
Não-verdade	Asserção negativa

Quadro 5: classificação das modalidades epistêmicas, elaborada por Givón (2001), e seus equivalentes na tradição lógica.

A modalidade “não indexa o valor de verdade de uma proposição em nenhum sentido abstrato, mas sim nos diz a medida em que o falante está disposto a afirmar a verdade de uma proposição” (BYBEE, PAGLIUCA, PERKINS, 1994, p. 239). Na *pressuposição* a proposição é admitida como verdade incontestável; já na *asserção realis*, a

proposição é fortemente asserida como verdadeira, mas sua contestação é apropriada. Na *asserção irrealis* e na *asserção negativa*, há menor grau de certeza por parte do falante, e, enquanto naquela a proposição é fracamente asserida como possível, nesta é asserida como falsa.

A noção de modalidade *realis* é expressa quando o falante toma uma posição assertiva frente ao fato, caracterizando-o como verdadeiro. Já a noção *irrealis* associa-se ao afastamento da realidade pelo falante, ou seja, o falante não se compromete afirmando se o fato é ou não verdadeiro, mas como sendo provável ou incerto. De acordo com Givón (2001), o contraste *realis* e *irrealis* não é entre situações reais e irreais, isto é, asserções com ou sem valor de verdade. O foco da oposição, diferente da concepção lógica, muda: i) cognitivamente: da verdade lógica para a certeza subjetiva e ii) comunicativamente: da semântica orientada para o falante para a pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre os participantes (GIVÓN, 2001, p. 302). O distanciamento da realidade é uma nuance do domínio funcional da modalidade: o afastamento implica baixa adesão com o conteúdo proposicional, ao passo que a aproximação implica adesão.

Para Givón (2001, p.304), existem verbos que são inerentemente *irrealis*, como: *want, like, look for, dream of, think of, believe in*. Segundo o autor, “intenção, habilidade, preferência, permissão e obrigação são projeções de futuro e o futuro é, por definição, um modo epistêmico *irrealis*” (GIVÓN, 2001, p. 308).

No uso efetivo da linguagem percebemos que as distinções entre os grupos nem sempre podem ser categóricas. Assim como outras categorias, a modalidade pode se apresentar em gradações, que podem ser correlacionadas a determinadas formas ou funções (FREITAG, ARAÚJO e BARRETO, 2013). Entre o *realis* puro e o *irrealis* há uma escala de transição, além disso, a correspondência entre *realis* e certeza é considerada problemática e pode ser mais eficaz uma classificação em um *continuum* [+/- *realis*], de forma menos categórica que a apresentada por Givón (2001). Consideramos que, mesmo na modalidade *irrealis*, há certo comprometimento do falante, assumindo a carga de responsabilidade característica da realização de um ato ilocucionário.

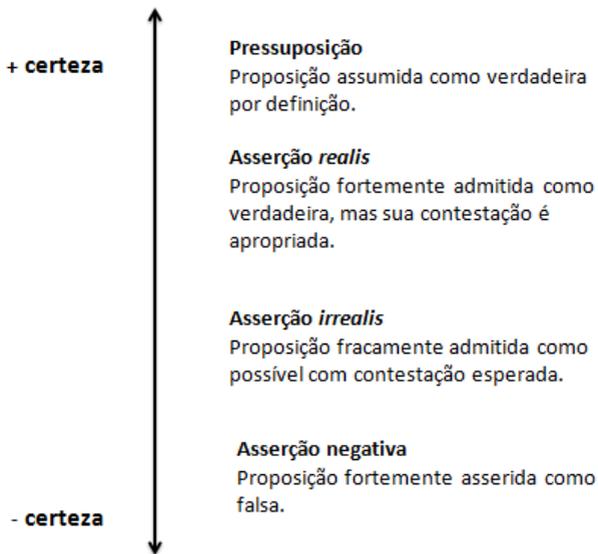


Figura 5: graduação do nível de comprometimento do falante a partir de Givón (2001, p. 301-302).

De maneira distinta da apresentada acima, Bybee, Pagliuca e Perkins (1994) propõem quatro tipos de modalidade: orientada para o agente (*agent-oriented*), orientada para o falante (*speaker-oriented*), epistêmica e modos subordinantes (*subordinating*). Destacamos principalmente as modalidades:

- **Orientada ao falante:** permite ao falante impor condições ao interlocutor, como dar ordem ou permissão a alguém. Envolve atos de fala diretivos.
- **Orientada ao agente:** reporta a existência de condições internas e externas de um agente para a realização da ação expressa na enunciação. Recobre: obrigação (há condições sociais externas compelindo um agente a completar a ação predicada); necessidade (há condições físicas compelindo um agente); habilidade (há condições internas de um agente face à ação predicada) e desejo.

Dentre essas modalidades, as do tipo orientadas ao agente (como volição, obrigação, intenção) são a origem mais comum para o desenvolvimento de morfemas de futuro. A modalidade orientada para o

agente pode ser expressa por morfemas lexicais ou gramaticais e, quando envolve desejo, trata da existência de condições volitivas internas ao agente no que diz respeito à ação mencionada na proposição.

Em Palmer (1986, p. 18) encontramos, conforme Givón (2001), a distinção das modalidades principais: a *epistêmica*, que se refere a conhecimento, crença ou opinião, e a *deôntica*: que se refere à necessidade ou possibilidade dos atos desempenhados por agentes moralmente responsáveis.

Sweetser (2001), por sua vez, faz distinção entre modalidade *raiz* (*root*), que recobre as noções de obrigação e habilidade – o que corresponderia à noção de modalidade orientada para o agente de Bybee et al. (1994) – e *epistêmica*:

- *Root*: significados que denotam obrigação, permissão e habilidade no mundo real.
- *Epistêmica*: significados que denotam necessidade, probabilidade ou possibilidade no nível discursivo⁸. (SWEETSER, 2001, p. 49).

A autora propõe (2001, p. 50) que os significados de modalidade raiz são estendidos ao domínio epistêmico, porque aplicamos a linguagem do mundo externo ao mundo mental interno, que é metaforicamente estruturada como paralelo ao mundo externo⁹.

Heine (1995 *apud* NEVES, 2000, p. 132-133), estudando os modais em alemão, indica, especificamente para a modalidade orientada para o agente (*raiz*, ou *deôntica*, no sentido geral), nas suas ocorrências prototípicas, as seguintes propriedades:

- a) existe uma força que se caracteriza por um "elemento de desejo";
- b) o evento tem tipicamente um agente controlador;
- c) o evento é dinâmico, isto é, envolve a manipulação de uma situação, e é concebido como levando a uma mudança de estado;

⁸ As expressões *mundo real* e *nível discursivo* foram nossas traduções para *real-world* e *in reasoning* respectivamente. Sweetser (2001) utiliza essas expressões para contrapor fatos que ocorrem no mundo real e os que são apenas mencionados (sem necessariamente ocorrerem).

⁹ “*My proposal is that the root-modal meanings are extended to the epistemic domain precisely because we generally use the language of the external world to apply to the internal mental world, which is metaphorically structured as parallel to that external world*” (SWEETSER, 2001, p. 50).

d) o evento ainda não ocorreu no tempo da referência, isto é, sua ocorrência, se de fato houver, será posterior a esse tempo;

e) o evento é não-factual (Palmer, 1986), embora haja certo grau de probabilidade de que ocorra.

Para Bybee et al. (1994), é questionável a categorização de eventos ocorrendo ou não no mundo real. Não é relevante para a modalidade a verdade ou o fato, mas o valor de asserção e não-asserção relacionado ao comprometimento do falante. De acordo com os autores, a modalidade *irrealis* codifica situações *unreal* e *non-actual* (Bybee, Pagliuca e Perkins, 1994, p. 236), onde se encaixa o futuro assim como o verbo *querer* (inerentemente *irrealis*) (Givón, 2001). O tempo verbal futuro codifica ações e eventos que podem ocorrer após o momento de fala e, por mais que o falante se comprometa com o que é mencionado na sentença, sua verificação (portanto, o maior grau de certeza) só poderá acontecer em momento posterior à enunciação.

Unindo as perspectivas de Bybee, Pagliuca e Perkins (1994), Givón (2001) e Sweetser (2001), podemos fazer uma correspondência entre:

Modalidade deôntica: orientada para o falante
orientada para o agente
modalidade raiz

Modalidade epistêmica (grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição)

Modos subordinantes (reconhecidos apenas pelas marcas sintáticas).

Muitos itens podem carregar tipos de modalidade específicos de forma inerente, mas a modalização de um enunciado pode ser feita também por outros fatores, como hesitações, repetições e mudanças entoacionais. A modalidade pode ser expressa, em PB, por (NEVES, 1996, p.166-167):

- verbo auxiliar modal (*dever, poder...*);
- verbo de significação plena (indicadores de opinião, crença e saber) (*achar, pensar...*);
- advérbio;
- adjetivo em posição predicativa (ex.: *É certo que João trabalhe hoje./ É possível que João trabalhe hoje;*

- substantivos como *impressão* e *opinião*, ou
- categorias gramaticais de tempo, aspecto e modo (modo subjuntivo, por exemplo).

Segundo Givón (2001, p. 307), grande parte dos verbos de modalidade é inerentemente *irrealis*, ou seja, são verbos que projetam escopo *irrealis* aos itens que os seguem em orações. Abaixo destacamos alguns verbos, de interesse para esta investigação, em sua classificação semântica:

Verbos de modalidade (volição, intenção): *querer, pretender*;

Verbos de manipulação: *permitir, querer, sugerir, mandar*;

Verbos de cognição, percepção e declaração: *desejar*.

O uso de *querer* como verbo de manipulação pode ser exemplificado na sentença *Quero que você arrume seu quarto*. Como verbo de modalidade, temos um exemplo em *Quero ser forte*. Já *desejar* podemos ilustrar com *Desejo rever minha família*. Em todas as proposições as ações são projetadas ao futuro por meio de verbos de volição que, em determinados contextos, são interpretados como marcadores temporais. Como pontuamos na seção 6.2, muitas línguas desenvolveram marcadores de futuro a partir itens que denotavam desejo, o que nos leva a crer em uma trajetória de gramaticalização possível para o verbo *querer*.

Defendemos que proposições que utilizam *querer* podem codificar volição e implicar tempo futuro. Com essa possibilidade, o verbo de modalidade passaria a modal, disparando esse tipo de implicatura em posição de auxiliar.

Em inglês, o verbo modal *will* é utilizado para denotar volição (expressando disposição do falante em realizar aquilo que está sendo comunicado) e predição:

Volição (intenção): *I will be strong.*

Eu serei forte/ Eu quero ser forte.

I want to go now.

Eu quero ir agora/ Eu vou agora.

Nesses exemplos *will* (modal) e *want* (verbo de modalidade) são intercambiáveis e podem também significar marcação de futuro.

Predição (futuridade): *This site will be available soon.*

A marca de vontade desse verbo vem de uma retenção em relação ao significado de desejo de *will*, uma vez que esse item está relacionado ao desejo do agente e que outros marcadores de futuro do inglês, como *shall* e *be going to*, não expressam essa tonalidade particular de significado. Essa retenção de significado fica evidente em determinados contextos.

Já no contexto do ato de fala apresentado por Givón (2001):

Will/ would/ can/ could you leave now?

will perde seu valor epistêmico (presente em: *Will she do it?*) e admite antigo sentido deontico. Segundo o autor, modais – como *will* – tendem a perder o sentido epistêmico nesse contexto, conservando seu antigo sentido deontico (Givón, 2001, p. 317). Um exemplo de uso deontico é *He will be home in three hours*, e de uso epistêmico *He will be home by now; I Just saw the lights go on*. O uso epistêmico de *will* é uma extensão de *will* de *actual futurity* (SWEETSER, 1990, p. 55) para a futuridade puramente epistêmica: o evento não está no futuro, apenas a sua verificação.

Sweetser (2001) defende que verbos modais (em inglês) não possuem dois sentidos diferentes não relacionados, mas podem mostrar uma extensão do sentido raiz ao domínio epistêmico, motivados por uma relação polissêmica.

Shall and will can express simple futurity; but they don't usually do so in usage, despite Grammar books. [...] Certainly the will in examples such as 'All right, I'll do it; shake, mister.' and 'See if John will help you out' seems volitional rather than future pure and simple (SWEETSER, 1990, p. 54).

Isso nos mostra que, mesmo com o processo de gramaticalização completo, *will* ainda pode recuperar seu sentido original, já que “o significado é profundamente dependente do contexto e orientado pelo uso, não discreto, envolvendo uma gradação contínua” (PEREIRA, 2013, p. 85-86).

Vale salientar que as significações não estão isoladas em sentenças ou palavras, mas são ajustadas no contexto interativo. As

categorias modais não existem como alguma categoria semântica abstrata, mas suas funções estão enraizadas em contextos de interação social.

2.5. Desejo e volição

Os conceitos de volição e desejo são muitas vezes utilizados como sinônimos em trabalhos da área da linguística, entretanto, no estudo do *desire future* é essencial distinguirmos cada conceito, porque cada um ocupa um lugar distinto na trajetória de gramaticalização de itens lexicais para marcadores de tempo.

Apesar de, ao analisarmos modalidade, confundirmos *desejo*, *intenção* e *volição*, principalmente por essa categoria não ser discreta, ressaltamos algumas diferenças básicas postuladas em trabalhos de filosofia da linguagem.

Desejar seria mais amplo, uma ideia. O ato de desejar não é acompanhado de um movimento. *Volição* é estar agindo, pode envolver certeza e sentimento de responsabilidade. Conseqüentemente, desejos podem ser inviáveis, enquanto vontades envolvem uma perspectiva de realização mais ou menos próxima.

Desejar é, na verdade, simplesmente um fenômeno mental, que pode ou não se fazer acompanhar de um movimento corporal. A volição, entretanto, não é algo que esteja relacionado à ação de modo contingente; ter uma volição é ‘estar agindo’, a vontade é ‘o próprio agir’. É por isso que pode envolver certeza (posso predizer que vou erguer meu braço daqui a cinco minutos) e sentimento de responsabilidade. E é também por isso que a relação entre vontade e o ato não é uma relação de causa e efeito (GLOCK, 1998, p. 380).

Vemos em Soares (2013, p. 100) que “a vontade pode ser compreendida como a faculdade pela qual produzimos ações voluntárias e que volições são paixões motivacionais em exercício”. Para Glock (1998, p. 380), assim como o pensamento, a volição não é um fenômeno que “simplesmente *ocorre*” e que observamos “de um ponto de vista externo”, mas é algo que “nós *fazemos*”, que consiste em estarmos em ação, na condição de seus verdadeiros agentes.

Na escala de desenvolvimento da expressão de futuro a partir do desejo, a volição está mais próxima da predição. A relação entre volição e ação tem a ver com as condições internas ao agente (modalidades orientadas ao agente) e com as asserções *irrealis*: ter vontade de *p* não implica logicamente *p* ocorrer. Por maior que seja nosso empenho como agentes, não podemos saber quais serão nossas ações futuras ou se elas se concretizarão. Contudo, os enunciados que expressam volição estão ligados à noção de futuridade – proximidade não observável em expressões de desejo –, já que o futuro envolve *possibilidade* de realização.

2.6. Intencionalidade

Um importante fator relacionado ao uso de *querer* e sua implicatura de futuridade é o estágio de intenção do falante anterior à predição.

Para Searle (1995b, p.1), *Intencionalidade* tem característica de direcionalidade ou aproximação. Ter a intenção de fazer algo seria apenas uma forma de Intencionalidade dentre outras possibilidades como: pretender fazer alguma coisa, crença, esperança, medo e desejo (SEARLE, 1995b, p. 4). O autor salienta que “ter uma intenção nunca é um ato de fala; expressar uma intenção normalmente, mas nem sempre, o é” (SEARLE, 1995a, p. 15). A *intenção* agrupa promessas, votos, ameaças e empenhos. O *desejo* (ou vontade) agrupa pedidos, ordens comandos, convites, preces, pleitos, súplicas e rogos (SEARLE, 1995a, p. 7).

Givón também trata do conceito de intencionalidade e o relaciona com a realização de fatos no mundo a partir da intenção:

ações são mudanças no estado do universo em que o *comportamento intencional* de agentes esteve envolvido. Em outras palavras, a causa/agente percebeu o estado precedente do universo, então, através de comportamento intencional, causou-lhe uma *mudança* para um estado diferente subsequente (GIVÓN, 2012, p. 436).

Para ele, verbos que carregam significado de intencionalidade podem ser classificados em termos de força intencional: *querer* > *intencionar* > *planejar* > *poder*. Esse *ranking* é relacionado à realização

bem sucedida por meio da inferência pragmática: *quanto mais forte é a intenção do ator, maior a probabilidade de sucesso* (GIVÓN, 2001b, p. 57), ou seja, maior probabilidade do acontecimento ocorrer no mundo.

2.7. Análise pragmática

Vemos nos estudos funcionalistas, principalmente em Givón (2001; 2012), a referência à pragmática, área voltada à representação de cenários específicos da comunicação humana. Não há como fazer qualquer análise de língua em uso desconsiderando aspectos da cognição e da comunicação. Por isso, pautamos nossa análise numa linha da pragmática de abordagem social-discursiva, também conhecida como *macropragmática*, que define um cenário de uso mais amplo, numa abordagem interdisciplinar da linguagem.

Compreendemos como pragmática o estudo dos conteúdos informativos e inferenciais que dependem da intenção do falante, ou seja, que envolvem uma suposição sobre o que está representado, sob a forma da linguagem, na mente do falante (MOURA, 2006).

Trazemos aqui conceitos desenvolvidos por Grice e por Levinson, principalmente no que se refere a inferências pragmáticas. Além deles, damos destaque a Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle.

2.8. Teoria dos Atos de Fala

A Teoria dos Atos de Fala, proposta inicialmente por Austin e reelaborada por Searle (1995), estabelece que toda enunciação é feita em forma de atos de fala (*speech acts*).

Em *Expressão e significado*, Searle faz um apanhado sobre os atos de fala classificados por Austin e problematiza a divisão feita propondo uma taxonomia alternativa. O autor aponta diferenças entre os atos ilocucionários e cita doze dimensões de variação nas quais os atos diferem uns dos outros, dentre elas: diferenças quanto ao propósito do ato, diferenças quanto à direção do ajuste entre as palavras e o mundo e diferenças quanto aos estados psicológicos.

Na taxonomia de Austin, os atos de fala podem ser: *veriditivos*, *exercitivos*, *comportativos*, *compromissivos* e *expositivos*. Destacamos os atos de fala compromissivos, que têm como propósito comprometer o

falante com uma certa linha de ação (AUSTIN, 1962 *apud* SEARLE, 1995a, p. 13). Para Austin (1990, p. 128):

um compromisso assumido é diferente de uma declaração de intenção. Ter a intenção não é prometer, mas ambos os casos estão compreendidos no performativo primário ‘farei’, permitindo interpretarmos que provavelmente será feito ou que o falante fará o possível para que seja feito.

Para Searle (1995a), os atos ilocucionários podem ser:

- Assertivos/representativos: dizem como as coisas são (verdadeiramente ou não); ex.: afirmar, concluir.
- Diretivos: que têm como propósito levar o ouvinte a fazer algo; ex.: pedir, perguntar.
- **Compromissivos/ comissivos**: tal qual a definição de Austin, têm como propósito comprometer o falante a fazer algo, numa linha futura de ação; ex.: prometer, ameaçar, oferecer.
- Declarativos: o falante faz mudanças no mundo ao realizar a proposição; ex.: emitir, batizar.
- **Expressivos**: expressam estados psicológicos e atitudes, ex.: agradecer, desculpar.

Dessa lista destacamos também os atos de fala compromissivos, que julgamos ser o tipo mais próximo dos observados nos usos em que o verbo auxiliar *querer* dispara implicaturas de futuridade. Atos desse tipo tendem a provocar “mudanças no mundo para que este corresponda ao conteúdo proposicional do ato de fala” (SEARLE, 1995a, p. 10) já que há comprometimento do falante, assumindo a responsabilidade de desenrolar uma ação futura.

Querer corresponde à condição de felicidade do ato compromissivo¹⁰: se prometo fazer A, expresso a intenção de fazer A. Ao explicitar seu desejo, o falante pode estabelecer uma condição para o ato de promessa. Segundo Levinson (2007, p. 303), quando um falante promete E:

¹⁰ “[...] na realização de cada ato ilocucionário com um conteúdo proposicional, expressamos um certo estado Intencional com esse conteúdo proposicional, e esse estado Intencional é a condição de sinceridade desse tipo de ato de fala” (SEARLE, 1995b, p. 12).

- O falante disse que executaria uma ação futura;
- Ele pretende executá-la;
- Ele acredita que pode executá-la;
- Ele pensa que não a executaria de qualquer maneira no curso normal da ação;
- Ele pensa que o destinatário quer que ele a execute (e não que o destinatário quer que ele não a execute);
- Ele pretende colocar-se na obrigação de executá-la enunciando E;
- Tanto o falante quanto o destinatário compreendem E;
- Ambos são seres humanos normais, conscientes;
- Ambos encontram-se em circunstâncias normais – por exemplo, não estão representando uma peça;
- A enunciação E contém algum DIFI¹¹ que só é adequadamente enunciado se todas as condições adequadas são válidas.

Assim, ao realizar um ato de comprometimento, o falante dá as ferramentas necessárias para que o ouvinte interprete seu compromisso como ação futura através de uma implicatura.

A marcação de futuro como implicatura pode também ser considerada um ato de fala indireto, em que

o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz, contando com a informação de base, linguística e não linguística, que compartilhariam, e também com as capacidades gerais de racionalidade e inferência que teria o ouvinte (SEARLE, 1995a, p. 50).

Por exemplo, “*eu quero mais sorvete*” pode ser um caminho indireto para “*pode me passar o sorvete, por favor?*”. *Querer* é ambíguo na implicatura nesse caso: quando denota um ato que só pode ser realizado pelo interlocutor, é um pedido; quando o ato pode ser realizado pelo falante, é uma promessa (*eu vou pegar mais sorvete*). Assim, “*eu quero sorvete*” pode ser um pedido, mas pode ser também uma indicação de futuro.

¹¹ Dispositivos indicadores de força ilocucionária.

2.9. Implicatura

Diferente das inferências semânticas, a implicatura é considerada um tipo de inferência pragmática, por ser não dedutiva (não lógica), mas indutiva, uma vez que é inferida a partir do uso. Por implicaturas é possível compreendermos e comunicarmos mais do que dizemos, porque a significação vai além do literal, é composta por outros elementos além do significado de cada palavra.

As ideias centrais sobre implicatura foram propostas por Grice (1967) e têm ligação com o *significado-nm*¹² e a noção de comunicação intencional, significado do falante. Portanto, podemos dizer que as implicaturas são inferências pretendidas pelo falante.

Grice propõe a existência de um grupo de diretrizes que conduz a conversação, de modo que a língua seja utilizada cooperativamente. O *Princípio da Cooperação*, que pode ser entendido como um princípio de economia ou do mínimo esforço, determina que, numa situação comunicativa, o falante deve fazer sua contribuição para a comunicação, com finalidade e direção aceitas na troca em que está envolvido (Chierchia, 2003; Levinson, 2007; Pinker, 2008).

Como diretrizes do Princípio da Cooperação estão as quatro Máximas da Conversação:

- Máxima da qualidade: não diga o que acredita ser falso e não diga coisas para as quais você não tem evidências adequadas;
- Máxima da quantidade: dê a quantidade necessária de informações exigidas (nem mais nem menos);
- Máxima da relevância: seja relevante;
- Máxima do modo: evite a obscuridade e a ambiguidade, seja breve e ordenado.

Para uma conversação eficaz, os interlocutores devem ser sinceros, relevantes, claros e suficientemente informativos. Certamente as pessoas não falam utilizando todas as máximas sempre, mas esses princípios continuam sendo norteadores da conversa, havendo adesão às máximas num nível mais profundo que o observável superficialmente.

¹² Significado não-natural, o significado convencional de uma proposição.

Nos casos em que aparentemente há desobediência às máximas, tendemos a procurar significado no que foi comunicado, para além do que foi (ou deixou de ser) dito. Aí surgem as implicaturas, especificamente, *implicaturas conversacionais*, que são calculadas com base no significado convencional, nas máximas conversacionais e nas informações presentes no contexto.

Essa inferência envolve dois significados: o conteúdo literal (significado da proposição) e a mensagem pretendida (significado do falante). As implicaturas conversacionais são, de acordo com Grice:

- Canceláveis (ou anuláveis): é possível cancelar a inferência acrescentando algumas premissas adicionais às premissas originais.
- Não destacáveis: possuem ligação com o conteúdo semântico, não com a forma linguística e, por isso, não podem ser destacadas de um enunciado (exceto as que se devem à máxima do modo).
- Calculáveis: tendo em vista o significado literal, o sentido da enunciação e o princípio cooperativo, o destinatário faria a inferência para preservar a cooperação presumida.
- Não convencionais: não fazem parte do significado convencional das expressões linguísticas.

O ouvinte calcularia esse tipo de implicatura do seguinte modo:

- a) F disse que p ;
- b) Não há razão para pensar que F não está observando as máximas ou, pelo menos o princípio cooperativo;
- c) Para que F diga que p esteja realmente observando as máximas do princípio cooperativo, F deve pensar que q ;
- d) F deve saber que é conhecimento mútuo que q deve ser suposto para que considere que F está cooperando;
- e) F não fez nada para impedir que o destinatário pensasse que q , portanto, F pretende que o destinatário pense que q e, ao dizer que p comunicou a implicatura q .

Levinson (2007) reformula a descrição de Grice do processo de implicatura e o divide em duas etapas: F diz p ao destinatário O e, com isso, transmite a implicatura q .

A primeira etapa da interpretação é a localização de um gatilho, a identificação da necessidade da inferência. Existem dois tipos de gatilhos:

- i. Ao dizer que p , F geralmente observou as máximas, mas p , não obstante, é conversacionalmente inadequado em certo grau, o que exige que p seja “amplificado” ou “consertado” com a suposição adicional q .
- ii. Ao dizer que p , F desacatou as máximas e, seja o que for que queira dizer, não pode querer dizer p ; para preservar o princípio cooperativo, F deve substituir uma proposição p por q (LEVINSON, 2007, p.195).

A segunda etapa consiste em inferir q . No caso (i), O pode lançar mão do raciocínio usado nas implicaturas padrão. No caso (ii), O deve determinar que tipo de tropo é p , aplicar o raciocínio próprio do tropo e selecionar um dos valores dos rivais para q , com base na sua adequação conversacional diante das máximas.

Segundo Levinson (2007, p. 121), “o conceito de implicatura parece oferecer algumas explicações funcionais significativas dos fatos linguísticos”. O falante opta por falar por implicaturas porque quer veicular uma informação diferente do dito ou quer ser mais expressivo, tendo em vista o Princípio da Cooperação. Portanto,

sempre que evito uma expressão simples em favor de uma perífrase mais complexa, pode-se supor que não o faço levemente, mas porque os detalhes, de certa maneira, são relevantes para o empreendimento em curso (LEVINSON, 2007, p. 134).

As implicaturas conversacionais podem ser *particularizadas*, que exigem contextos específicos, ou *generalizadas*, sem que seja necessário um determinado contexto para serem inferidas. Nestas, particularmente, o conteúdo semântico é dificilmente distinguido das expressões linguísticas, já que são associadas a expressões relevantes em todos os contextos.

As implicaturas ligadas ao uso do verbo *querer* indicando futuro podem ser consideradas *escalares* (subtipo das implicaturas generalizadas). Vemos em Horn (1972 *apud* Levinson, 2007, p. 166)

aconteça ou que ele tenha o *dever* de executá-la. Porém, o falante *querer* algo nem sempre é condição suficiente para a realização de uma ação.

As implicaturas escalares, apesar de não precisarem de um contexto específico para ocorrer, são afetadas pelo contexto. Inferências desse tipo, disparadas por um mesmo item, podem variar:

Para expressar predição, por exemplo:

Eu quero sair.

Eu quero trocar de carro.

Para expressar desejo, por exemplo:

Eu quero ganhar na loteria.

Eu quero ser forte, mas não consigo.

Todos os exemplos projetam as ações (*sair, trocar, ganhar, ser*) para o futuro, mas os interpretamos de maneiras diferentes. As inferências de predição derivam de ações que dependem do falante para se concretizarem. As intenções do falante/agente são condições suficientes para a realização de *sair* e *trocar de carro*. Já na expressão de desejo, a vontade do falante não interfere na realização de *ganhar* e *ser forte* – considerando o último exemplo, poderíamos inferir que o falante *quer* e *vai ser forte*, mas essa implicatura é cancelada com o acréscimo da informação seguinte *mas não consigo*, que revela sua incapacidade para efetuar a ação.

Além das inferências conversacionais, que são calculadas a partir das máximas, há um tipo de implicatura que não é sujeito a condições de verdade, as *implicaturas convencionais*. A noção de implicatura convencional é problemática, porque seria uma inferência ligada convencionalmente a itens lexicais específicos, o que para alguns estudiosos não é implicatura. Ao contrário das conversacionais, elas são não canceláveis, destacáveis e não calculáveis.

Quando um uso se “cristaliza”, sua significação se torna também cristalizada. Então, se uma inferência é implicatura convencional, o item responsável pelo gatilho já é gramaticalizado, sempre gera o mesmo tipo de interpretação.

Como vimos, os enunciados em que *querer* + infinitivo atua como marca de temporalidade e modalidade nem sempre levam à mesma implicatura. Logo, não é o caso de uso gramaticalizado ou de implicatura convencional.

Abaixo, na figura 7, adaptada de Levinson (2007, p. 163), retomamos as partes do conteúdo comunicativo derivado do significado convencional.

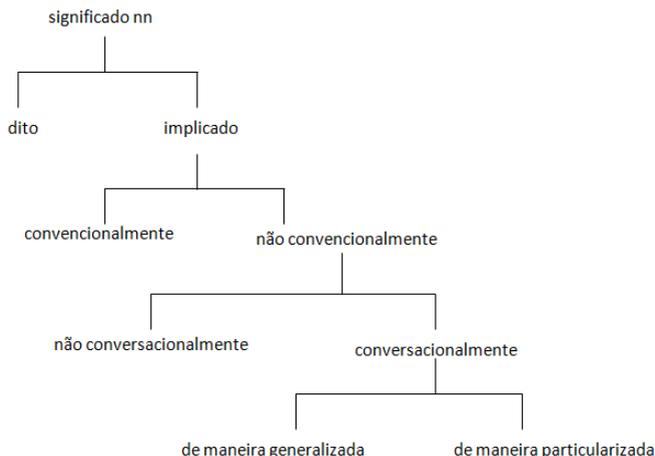


Figura 7: partes do conteúdo comunicativo derivado do significado convencional.

Dentro do fluxo conversacional, quando as inferências são aceitas como verdadeiras, deixam de ser implicaturas e se tornam pressupostos devido à máxima da quantidade. “O pressuposto também deve ser inferido, mas a partir do conhecimento compartilhado, e não da intenção do locutor” (MOURA, 2006, p. 52), ou seja, apesar de deixar de ser uma informação pretendida para ser uma informação dada, não existe por si só, também é contextualizado.

Para ilustrar esse processo de inferenciação, trazemos abaixo um exemplo de conversa em contexto privado em que o falante *quer fazer* algo, mas é impedido (aparentemente por motivos de saúde, que ele não pode controlar):

▪ **Áudio bfamcv10:**

Contexto: conversa sobre almoço entre familiares/ cozinha, com mulher cozinhando.

ONO: Se eu arranjasse um lote pra nós lá, ué?
 CAR: Tirar nota fiscal, tirar tudo?

ONO: Fazer defumador lá, ué! No lote. Cê não vai comprar o lote, não?! Cê não vai arrumar o lote lá pra nós, não?! Já tá metade, tá duro lá, já! Tá firminho o lote lá que cê tá olhando!

[...]

ONO: Mas nós foi lá, ué! Eu **quero fazer** lá o defumador, sô! Naquele canto seu lá.

CAR: Defumador, não! O Senhor vai mexer com defumador mais não!

ONO: Não. Fresca só, então só fresca, ué!

CAR: Nós vamos pensar o que nós vamos fazer, com calma...

A implicatura de temporalidade disparada pelo verbo auxiliar é aceita no contexto como informação acrescentada: ONO quer e vai, se nada o impedir, realizar a ação mencionada. No fluxo conversacional, a implicatura passaria a ser um pressuposto (informação compartilhada) não fosse a interferência de CAR, que interpreta possibilidade de predição e faz com que ONO cancele esse tipo de inferência.

2.10. O papel do contexto

Como foi exposto até aqui, compreendemos o contexto como parte essencial da significação, já que não há comunicação (e até mesmo intenção) descontextualizada.

Ao explicar como funciona a inferência por implicatura damos grande destaque ao contexto conversacional. Tendemos a considerar como contexto tudo aquilo que está fora da língua, em volta dos falantes no mundo real: tema da conversa, tipo de relação interpessoal, ambiente em que a interação ocorre, etc.. Porém, para a implicatura, o significado literal, codificado na proposição, também tem papel essencial:

[...] se o significado literal de uma expressão não desempenhasse nenhum papel na compreensão de um uso não literal da mesma, não compreenderíamos que critério nos leva a escolher uma expressão em lugar de outra (CHIERCHIA, 2003, p. 229).

Conforme pontua Neves (2000), o contexto

é entendido como o conjunto de hipóteses de que dispõe um destinatário e que ele utiliza para interpretar uma elocução. Um contexto é uma elocução específica. Constitui subparte do contexto o significado codificado no conteúdo proposicional da sentença, conteúdo que é distinto do modal, mas que está no âmbito de incidência dele. O conteúdo proposicional de uma sentença [...] libera algumas das hipóteses utilizadas pelo destinatário para compor o sentido do enunciado, de onde se segue que o conteúdo proposicional de uma sentença tem um importante papel no significado interpretado (NEVES, 2000, p.119).

Para inferirmos implicaturas de futuridade a partir de enunciados com o verbo auxiliar *querer*, buscamos informações presentes no fluxo conversacional, em proposições anteriores, e continuamos ajustando nossa interpretação nos enunciados subsequentes.

Pistas como referências temporais, tempo verbal de outros verbos em enunciados próximos e adjuntos nos levam à interpretação de futuro a partir de *querer*, desde que o item em questão esteja inserido em contexto favorável.

Com base no quadro apresentado em Ilari (2014, p. 23), vemos, abaixo, alguns adjuntos que localizam eventos futuros:

Adjuntos que localizam eventos		
Relação cronológica	Tipo de ancoragem	
Posterioridade	por dêixis	por anáfora
	No... próximo	no... seguinte
	Neste ano de... Agora no Natal	
	Amanhã	
	Amanhã ou depois	
	O ano que vem	no ano seguinte
	Daqui a...	daí a...

	Mais cedo ou mais tarde	sucessivamente
	Futuramente	
	depois, mais adiante em breve, logo qualquer dia novamente cada vez mais	

Quadro 6: adjuntos que localizam eventos na relação de posterioridade.

Segundo Ilari (2014, p. 20), os adjuntos adverbiais servem, em geral, para localizar um evento no tempo. Localizamos um evento a partir de dois tipos de ancoragem: a dêitica e a anafórica. A ancoragem anafórica consiste em apontar um evento dentro do co-texto, enquanto que uma ancoragem dêitica consiste na referência ao momento de enunciação.

2.11. Auxiliarização

Em seu trabalho sobre verbos auxiliares, Heine (1993) indica que muitos estudos tiveram este tema, inclusive, analisaram as mesmas línguas sob as mesmas metodologias, e chegaram a conclusões distintas. Segundo o autor, o que está por trás desses resultados díspares é a concepção de língua subjacente às pesquisas.

A auxiliarização ocorre com o uso de verbos, antes apenas com significação plena, em posição de auxiliar, acompanhados de verbos no infinitivo, particípio ou gerúndio, criando sequências semânticas e valências semelhantes a formas verbais simples (PERINI, 2010, p. 237). Os auxiliares conferem valor modal ou aspectual ao verbo principal da oração em que aparecem. “A forma criada por auxiliação se opõe, enquanto forma marcada, a uma forma verbal simples, não auxiliada” (BENVENISTE, 1989, p. 183).

O processo de gramaticalização de verbos a auxiliares segue o mesmo caminho *concreto > abstrato*: derivam de descrições de noções como localização, movimento, desejo e posse (HEINE, 1993, p. 28). Retomamos a conclusão de Bybee, Pagliuca e Perkins (1991), de que um marcador de modalidade orientada para o agente pode se desenvolver em marcador de futuro, para refletirmos sobre o valor de *querer* em posição de auxiliar.

O esquema volitivo (*volition schema*) *X quer Y* “é empregado na maioria dos casos para o desenvolvimento de tempos futuros, sendo o *will* do inglês um típico exemplo” de auxiliar modal derivado desse processo (HEINE, 1993, p. 35). Conforme apontado pelo autor (1993, p. 43), enquanto o número de esquemas conceituais de eventos é limitado, a diversidade linguística que eles suscitam é enorme. Nossa limitação em criar esquemas conceituais nos obriga a utilizar significados de domínios mais concretos (como o da modalidade) para domínios mais abstratos (como o da futuridade).

A construção auxiliar, mais do que se referir a uma função gramatical específica, designa uma cadeia de funções. Usar *querer* para marcar futuro traz consigo a origem de desejo desse verbo auxiliar, carga semântica não perceptível em marcações simples (morfológicas) de tempo. Heine (1993, p. 68) aponta a cadeia de funções, trajetória de gramaticalização, de auxiliares de futuro:

Modalidade orientada para o agente > potencial > futuro > modalidade epistêmica/orientada para o falante.

Essa cadeia é reflexo de outra, conceitual:



Figura 8: cadeia conceitual de *querer* como auxiliar em PB, a partir de Heine (1993, p. 97).

Além do já mencionado valor de modalidade característico de verbos auxiliares, Perini (2010, p. 239) destaca o uso de modais acrescentando um valor aspectual à sentença, quando envolvem a marcação de início, continuação ou término de um evento. O autor também destaca que os verbos *dever*, *ter que* e *querer* admitem usos como modais se são complementados por infinitivo.

Querer, normalmente um verbo que exprime desejo (e que tem valência própria), funciona

como auxiliar – e nesse caso sempre no gerúndio com *estar* – quando denota um evento iminente: *Esse telhado está querendo cair. Está querendo chover* (PERINI, 2010, p. 239).

Nesses casos, o uso do modal indica futuro imediato, com verbo auxiliar denotando aspecto iminencial, que se refere a eventos que são iminentes ou prestes a ocorrer. Ressaltamos também, no exemplo dado por Perini, a modalidade do tipo raiz, por causa interna do agente, numa perspectiva de dinâmica de forças. Algo no objeto *telhado* faz com que ele possa cair a qualquer momento (MOURA; MILIORINI, 2012).

Perini (2010) destaca que verbos auxiliares não modais acrescentam um ingrediente semântico não previsível ao verbo principal, quando este é tomado separadamente. O significado de futuro num uso como *eu vou estudar daqui a pouco* é distinto da expressão de movimento de *ir*. Diferentemente, auxiliares modais mantêm seu significado constante, como em *ele começou a trabalhar* e *ele começou o trabalho*.

Terra (2009, p.35) classifica os usos do verbo *querer* como: pleno, semi-auxiliar e como marcador discursivo. A autora justifica a semi-auxiliaridade:

um verbo auxiliar ativa propriedades gramaticais relacionadas a pessoa, número, tempo, aspecto e modo. O verbo *querer* ativa propriedades relacionadas ao modo (volitivo entre outros), o que não caracteriza um auxiliar prototípico, mas um semiauxiliar.

Essa classificação faz pouco sentido, já que, como vimos, o auxiliar *querer* agrega ao verbo principal ora valor de aspecto, ora de modalidade (ou ambos simultaneamente). Em muitos casos “o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*” (BECHARA, 2009, p. 230). Considerando que auxiliares modais são operadores *irrealis* por excelência (GIVÓN, 2001b, p. 54), acrescentamos ainda a significação temporal a partir de *querer* + infinitivo.

3. Metodologia

Tendo em vista o levantamento bibliográfico, as questões e as hipóteses colocadas anteriormente, nesta seção serão detalhados os procedimentos metodológicos adotados e as informações sobre o *corpus* escolhido para a análise de dados linguísticos.

O primeiro passo da pesquisa foi buscar estudos que tratassem sobre tempo, aspecto e modalidade, gramaticalização de marcadores de futuro e gramaticalização a partir de metáforas e inferências pragmáticas. Após isso, testamos a possibilidade de trabalhar com dados do *corpus* selecionado numa amostra pequena, de diálogos em contexto privado. Esse recorte foi feito por proporcionar uma visão mais ampla das possibilidades de interpretação. Como tratar de implicaturas fora do contexto da conversação pode ser muito subjetivo, optou-se pela análise dos diálogos onde havia evidências, dentro do mesmo dado analisado, de como o interlocutor interpretou as implicaturas pretendidas pelo falante.

Para fins práticos, optamos por utilizar um *corpus* fechado que contivesse dados de fala espontânea em português brasileiro. Todas as sentenças analisadas fazem parte do C-ORAL Brasil I (RASO; MELLO, 2012), que tem suas informações disponíveis em CD-ROM, o que nos poupou das etapas de coleta e transcrição dos dados.

Posteriormente à análise-teste, decidimos manter o *corpus* e ampliamos a busca por referencial bibliográfico, dessa vez buscando estudos sobre auxiliares, marcação de tempo e gramaticalização em teses, dissertações e artigos sobre o PB, utilizando a ferramenta de busca do site *Google Scholar*¹⁴ e o banco de teses e dissertações da Pós-Graduação em Linguística da UFSC.

Após esse levantamento, iniciamos a busca por ocorrências de uso do verbo *querer* como auxiliar em contextos em que se infere, a partir de implicatura gerada, que a ação descrita na proposição ocorrerá no futuro. Foram analisados monólogos, diálogos e conversações, em contextos privado e público. Assim foi possível observar a ação dos interlocutores (nos diálogos e nas conversações) diante do enunciado e se o significado implicado na proposição foi compreendido.

Foram destacadas ocorrências de primeira pessoa (singular e plural – P1 e P4) + *querer* + verbo no infinitivo, tendo em vista a

¹⁴ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>.

conclusão do estudo diacrônico apresentado em Bybee, Pagliuca e Perkins (1991; 1994) de que “na formação do futuro, desejo e obrigação podem ser usados em sentenças expressando intenções do agente, especialmente em primeira pessoa” (BYBEE, PAGLIUCA, PERKINS, 1994, p. 178).

Cada gravação do *corpus* foi ouvida ao mesmo tempo em que sua transcrição era lida. A busca foi realizada nas transcrições dos áudios em arquivo *.doc*, com a localização automática pelo comando *ctrl + l* de “quer” e “quis”. Cada caso foi destacado e passou por uma problematização posterior em que foram salientados elementos que acompanham a ocorrência na investigação sobre um padrão de uso. Destacamos todas as ocorrências de *querer* em primeira pessoa, quantificamos os resultados dos usos e analisamos apenas os de volição que implicavam em predição. Realizamos uma análise qualitativa já que a pouca quantidade de ocorrências seria pouco representativa num estudo de caráter quantitativo.

Dados sociolinguísticos não foram levantados para essa análise. Acreditamos que o condicionamento para a interpretação investigada se dá mais pelo contexto e situação comunicativa que por fatores como idade ou escolaridade do falante.

Abaixo trazemos mais detalhes sobre o *corpus* e os procedimentos desenvolvidos. Em cada subseção tratamos de algumas alterações específicas adotadas durante o percurso, ressaltando pontos que não haviam sido levados em conta anteriormente e apontando os que ainda não foram contemplados aqui.

A importância do detalhamento dos passos metodológicos vem da necessidade de deixar claras as decisões tomadas na realização deste trabalho, pois cada escolha, dentro das diversas opções possíveis, teve influência na perspectiva de análise.

3.1. Descrição do *corpus*

Conforme mencionado acima, a escolha por um *corpus* fechado teve como objetivo agilizar a pesquisa na etapa de análise de dados. Como o foco foi investigar uma possibilidade a partir de padrões observáveis em outras línguas (e diacronicamente em PB), as restrições para os dados eram: que fossem registros de fala espontânea (em contextos menos monitorados) e que houvesse interação com resposta do interlocutor na maioria dos casos (já que implicaturas são inferências que precisam de pistas contextuais). Para isso, foi escolhido o C-

ORAL¹⁵, composto por amostras de fala espontânea, com diálogos, monólogos e conversações, em contextos públicos e privados.

O *corpus C-ORAL Brasil I: corpus de referência do português brasileiro falado informal* foi elaborado sob supervisão dos professores Tomaso Raso e Heliana Mello, da Universidade Federal de Minas Gerais, e foi publicado em 2012 no formato CD-ROM. O projeto para elaboração desse *corpus* faz parte do C-Oral-Rom Project, *integrated reference corpora for spoken romance languages*. No CD-ROM, além dos arquivos das gravações, há um *e-book* com detalhes sobre a construção do *corpus*, resultados de algumas pesquisas realizadas com a coleta dos dados e a transcrição de todos os áudios.

O CD contém a pasta *Appendix*, com informações sobre os participantes e as transcrições, como tópico da conversa, número de palavras por informante e frequência de palavras. São 139 gravações sendo: 105 em contexto privado (34 conversações, 36 monólogos e 35 diálogos) e 34 em contexto público (09 conversações, 14 monólogos e 11 diálogos). Esses áudios somam 759 usos do verbo *querer*. Desse número, destacamos as 55 ocorrências como auxiliar em primeira pessoa que disparam implicatura de futuridade, atuando como perífrase de futuro nesses casos.

Os registros são de falantes homens e mulheres, a maioria entre 18 e 60 anos de idade (sendo que alguns não têm idade conhecida). 91,5% do *corpus* é constituído por falantes mineiros, e uma ampla maioria por falantes da área metropolitana de Belo Horizonte. Apenas 7,7% dos falantes são originários de outros estados brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina) e somente dois são estrangeiros, mas falantes de português.

Quanto ao nível de escolaridade, os falantes variam bastante: há um grupo de pessoas não escolarizadas ou com escolarização de nível primário incompleto, produtor de 15,78% das palavras do *corpus*; outro, com escolarização até o terceiro grau completo (exercendo profissão que não requer formação universitária), relativo aos falantes responsáveis por 40,76% do *corpus*; e um último grupo dos que possuem formação universitária e exercem uma atividade que exige esse título, com produção correspondente a 40,66% das palavras. Falantes que não têm escolaridade registrada compõem 2,79% do *corpus*.

¹⁵ Mais detalhes sobre o *corpus* podem ser consultados em: <http://www.c-oral-brasil.org/>.

3.2. Procedimentos de análise

Primeiramente, cada arquivo de áudio do *corpus* foi ouvido enquanto sua transcrição foi lida simultaneamente. Foram destacadas no arquivo de texto (em formato *.doc*, no programa *Microsoft Office Word 2007*) as ocorrências do verbo *querer* conjugado em P1 (*eu*) e P4 (*nós/ a gente*). Além disso, foram contabilizadas as vezes em que o verbo apareceu em expressões (como *quer dizer* e *sem querer*) e conjugado em outras pessoas do discurso. A confirmação da quantidade de dados levantados foi feita com a busca automática de “quer” e “quis” nos arquivos das transcrições.

Após a finalização das leituras e audições de cada pasta, foram feitas tabelas com os usos em primeira pessoa singular e plural, agrupando o número de ocorrências de cada caso (por exemplo, em conversações em contexto familiar, o verbo aparece 35 vezes na forma *quero* + verbo no infinitivo).

A partir dessa primeira análise, foi criado um novo arquivo de texto onde eram colados os trechos das transcrições em que ocorrências em primeira pessoa acompanhadas de verbo de volição/auxiliar ([*eu/nós/a gente*] + *querer* + verbo) resultavam, por implicatura, na inferência de que a ação mencionada na proposição ocorreria após o momento de fala.

Os dados foram agrupados por tipo de gravação e contexto antes de passarem por uma análise mais criteriosa. Antes de cada trecho foram especificados detalhes da gravação, como nome do arquivo, duração da gravação, quantidade de falantes, contexto ou tema e total de usos do verbo investigado:

Áudio bfamcv01

Duração: 06min52s

Falantes: 04 homens

Contexto/local: falando sobre jogos de futebol e campeonatos organizados por eles e por outros times/ ambiente fechado.

Total de “querer” (todas as ocorrências em todas as pessoas): 11 (sendo 01 “quer dizer”)

Como tratar de implicaturas fora do contexto da conversação pode ser muito subjetivo, optamos pelos enunciados onde havia evidências, dentro do mesmo dado analisado, de como o interlocutor interpretou as implicaturas pretendidas pelo falante. Assim, foi possível observar a resposta do interlocutor diante do enunciado e se o

significado implicado na proposição foi compreendido. Muitas ocorrências certamente ficaram de fora ao definirmos essa condição, mas distanciando das interações gravadas, o olhar do analista não pode captar outras pistas extralinguísticas para a interpretação, como gestualidade, contexto mais amplo, relações interpessoais e nível de conhecimento compartilhado. Portanto, dentro das limitações descritas, elencamos apenas as gravações que nos fornecem elementos suficientes para calcularmos implicaturas de futuridade possíveis.

Nosso intuito foi olhar para as ocorrências, as pistas linguísticas e comunicativas e descrever quais são os contextos em que *querer* dispara a implicatura de temporalidade. Destacamos, na etapa seguinte da análise, os seguintes fatores:

- Tipo de áudio: conversa, diálogo ou monólogo;
- Ambiente de interação: público ou familiar/privado;
- *Querer*: verbo pleno ou auxiliar;
- Papel temático do sujeito: agente, experienciador, paciente;
- Tempo: determinado ou indeterminado;
- Presença/ausência de marcas de futuridade fora do verbo: verbos conjugados no mesmo turno de fala e advérbios;
- Projeção de futuridade (OLIVEIRA, 2006): futuro próximo, futuro distante ou futuro indefinido;
- Inferências a partir dos enunciados: acarretamento e implicatura;
- Tipos de verbos principais (regulares/ irregulares);
- Usos com valor mais aspectual e mais modal.

Variáveis como sexo, idade e escolaridade não foram consideradas. Com um recorte tão restrito de ocorrências, acreditamos que esses fatores não se mostrariam relevantes para o fenômeno estudado aqui.

Após a análise individual de cada ocorrência, foram elaboradas tabelas e gráficos que agruparam os resultados por tipo de gravação e pessoa do discurso, ressaltando os fatores que contribuem para a implicatura de futuridade a partir do verbo de volição.

Chamamos atenção para as vezes em que a inferência por implicatura era “fraca”. Nos casos em que tivemos dúvidas, foi feito o seguinte “teste”: se trocar *querer* por *ir* (como verbo auxiliar na perífrase de futuro) não resulta em perda de sentido de futuridade, então o uso desse verbo é também uma possibilidade de futuro perifrástico,

portanto, dispara implicatura de temporalidade (por exemplo: eu *quero virar bruxa*/ eu *vou virar bruxa*).

Ressaltamos também que, sendo implicaturas, as inferências podem ser canceladas. Em:

Quero dormir cedo, mas não consigo.

podemos inferir, na primeira oração, que o enunciador tem intenção e possibilidade de executar a ação “*dormir*” e que isso se realizará após o momento de fala. Entretanto, a implicatura de que essa ação ocorrerá é cancelada na segunda oração “*mas não consigo*”, em que o falante diz que não pode, apesar de querer. Substituindo o verbo auxiliar por *ir* temos:

Vou dormir cedo, mas não consigo.

Nos soa contraditório que alguém realize algo, mesmo que não consiga. Nesse caso, antes de oração adversativa, a primeira oração pode implicar ação em tempo futuro (utilizando *querer* como auxiliar), justamente por ser uma inferência cancelável, que não é o caso do uso gramaticalizado *vou dormir*.

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

Abaixo elencamos os itens destacados na análise dos dados. Conforme dito acima, foi feito um recorte das ocorrências em que a ação mencionada é executada dentro do tempo da gravação a fim de trazer maior objetividade à observação.

Com essa análise, nosso objetivo foi levantar o número de ocorrências do verbo *querer* em primeira pessoa e verificar as proposições nas quais a implicatura de futuro pode ser claramente inferida. Foram analisados todos os dados do *corpus*: 46 diálogos, 50 monólogos e 43 conversas, totalizando 139 gravações de, aproximadamente, 10 minutos cada. Para isso, consideramos a classificação de Terra (2009) dos conceitos expressos pelo verbo *querer*:

- Querer com valor modal de necessidade (ex.: *Tem gente que quer saber o porquê isso acontece.*);
- Querer com valor modal de permissão (ex.: *Eu não quero que vocês joguem bola dentro de casa.*);
- Querer com valor modal de volição (vontade ou desejo) (ex.: *Quando eu morrer eu quero ser cremado.*).

Nas ocorrências destacadas aqui, tratamos exclusivamente do conceito “valor modal de volição, vontade ou desejo”, principalmente por esses usos, em outras línguas, terem formado a trajetória de gramaticalização dos marcadores derivados de futuro de desejo.

Ao ressaltar os dados que disparam implicatura em primeira pessoa, constatamos que essa inferência só ocorre nas construções em que *querer* atua como verbo auxiliar.

Podemos observar, no arquivo bfamcv14 (conversa em ambiente privado), dois exemplos do uso do verbo, o primeiro como auxiliar e o segundo como verbo pleno:

- (i) O dia que eu for cantar, eu quero cantar direitinho. (linha 24)
- (ii) Quero uma folha em branco. (linha 61)

A sentença (i) nos permite interpretar que o falante poderá executar seu “objeto de desejo”, *cantar direitinho*, em algum momento não definido, posterior ao momento da fala. Já em (ii), o falante solicita *uma folha em branco* no mesmo momento da fala (MF = ME): ele

precisa da folha agora e não depois. Notamos que, em (i), há comprometimento do falante em executar a ação mencionada no verbo auxiliado em algum momento futuro. Em (ii), a expressão da necessidade não implica nenhuma ação futura.

Entretanto, não podemos afirmar que todos os usos como auxiliar disparam essa implicatura. Analisando usos do verbo concordando com pessoas do discurso diferentes, temos dois exemplos retirados do áudio bpudl01 (diálogo em ambiente público):

(iii) Lá eu quero chegar com ele até a divisa com o Paulo. Isso até aquele murinho lá, sabe como? (linhas 149 e 150)

(iv) Ela tem que perguntar o que ela quer saber, uai! (linha 202)

No registro (iii) temos a implicatura de que o falante, que está construindo um muro, chegará “*até a divisa com o Paulo*”, pois dá a entender que tem condições para realizar a ação mencionada. Em (iv) não há como saber se *ela vai perguntar* e, conseqüente, *saber* o que *ela quer*. Aqui agente e falante são pessoas distintas, logo, não se pode interpretar essa sentença da mesma forma que a em primeira pessoa.

4.1. Usos do verbo querer

Querer foi utilizado 759 vezes em todas as gravações e é o 14º verbo mais frequente no *corpus*, aparecendo:

- **Como verbo pleno:** Quero a caneta azul;
- **Como verbo auxiliar:** Quero fazer um mestrado em educação; e
- **Em expressões:** Ela é de Uberlândia. Quer dizer, eu acho que é.

Na tabela 1 estão dispostos os números de ocorrências do verbo em cada contexto, divididos por tipo de gravação. Conforme apontamos anteriormente, nosso estudo observa apenas os usos em primeira pessoa, que somam 31,6% do total dos registros (240). Os usos em expressões, como marcadores discursivos, formam 10,9% do total (83).

	Conversas	Diálogos	Monólogos
Contexto familiar	231	196	165
Contexto público	40	83	44
Total das ocorrências	759		

Tabela 1: quantidade total de usos do verbo *querer* em cada tipo de registro.

Dentre os usos em primeira pessoa, ressaltamos especialmente as ocorrências como verbo auxiliar, que se mostrou como único tipo de registro em que o verbo de volição pode disparar implicatura de predição.

	Diálogos		Conversas		Monólogos	
	Verbo pleno	Auxiliar	Verbo pleno	Auxiliar	Verbo pleno	Auxiliar
P1	22	35	23	48	18	33
P4	-	02	-	03	02	07
Total	59		74		60	

Tabela 2: usos do verbo *querer* em primeira pessoa (singular e plural) nas gravações em contexto familiar.

	Diálogos		Conversas		Monólogos	
	Verbo pleno	Auxiliar	Verbo pleno	Auxiliar	Verbo pleno	Auxiliar
P1	17	07	02	12	-	06
P4	-	02	-	01	-	-
Total	26		15		06	

Tabela 3: usos do verbo *querer* em primeira pessoa (singular e plural) nas gravações em contexto público.

Vemos, nas tabelas 2 e 3 acima, que na maioria dos usos em primeira pessoa o verbo atua como auxiliar. Esse emprego aparece 156 vezes, mas nem todos disparam implicatura (conforme tabela 4).

	Auxiliar	Uso disparando implicatura
P1	141	52
P4	15	03
Total	156	55

Tabela 4: quantidade de usos como auxiliar comparada às vezes em que esses usos dispararam implicaturas de futuramente.

Aproximadamente, 35% (55 de 156) dos usos como verbo auxiliar em primeira pessoa tiveram implicaturas de futuramente claramente inferidas. Lembramos que foram destacados apenas os usos em que é possível – pela realização da ação mencionada no verbo principal durante o tempo de gravação ou pela resposta do interlocutor – confirmar a inferência por implicatura. Provavelmente, em mais casos a implicatura de predição é possível, mas esses não foram considerados neste levantamento por restrições já apontadas na seção 7.2.

Das 240 ocorrências gerais em P1 e P4, 55 (22,9% do total) dispararam implicaturas de futuramente, a maioria registrada em conversações em contexto familiar:

	Conversas	Diálogos	Monólogos
Contexto familiar	25	12	12
Contexto público	03	02	01

Tabela 5: quantidade de usos que geram implicaturas em cada tipo de registro (P1 e P4)

Dos usos em construções em que atua como verbo auxiliar, *querer* tem interpretação de futuramente em contexto familiar/privado, em 32,4% das ocorrências nos diálogos (12 de 37), 49% nas conversações (25 de 51) e 30% nos monólogos (12 de 40). Em contexto público a porcentagem é de 22,2% nos diálogos (02 de 09), 23% nas conversações (03 de 13) e 16,6% nos monólogos (01 de 06).

Para ilustrar os dados considerados como usos que dispararam implicaturas, abaixo trazemos análises mais detalhadas de cinco recortes de diálogos em contexto familiar/privado.

▪ **Áudio bfamd123:**

Contexto: conversa entre duas mulheres, em local fechado. Pelo menos uma está utilizando computador durante o diálogo.

BAR: Eu já passei todos meus itens. Tô tentando falar com esse cara aquí que tá online na minha lista de amigos. Mas ele tá em outra cidade, então não tem como eu ir pra lá, porque se for pra lá eu vou gastar dinheiro, sabe? Eu **quero passar** meu dinheiro pra alguém que pelo menos esteja aquí, porque todos meus personagens estão nessa cidade, pra que eu possa, tipo, passe pra alguém que esteja nessa cidade, entro com outro personagem e esse cara passa pra minha personagem, entendeu? Então não vale a pena eu ir pra outra cidade.

[...]

JAN: Mas que missão que cê tem que fazer nesse jogo?

BAR: ah... é tipo assim... Calma que eu vou... Olha, eu sou, no caso, a personagem que eu **quero jogar** aquí eu sou uma maga. Então eu tenho que evoluir essa maga porque eu **quero virar** bruxa. Então eu tenho que jogar, matar monstro pra ganhar experiência até eu poder virar bruxa. No caso eu posso virar bruxa com level quarenta, mas eu vou virar com level cinquenta pra eu ganhar o máximo de pontos de habilidades. Eu distribuir entre as minhas habilidades... Então eu tenho que evoluir, comprar equipamentos melhores, ganhar dinheiro, etc.

Vemos aquí um contexto todo modalizado, um conjunto harmônico que permite o uso e a interpretação do modal *querer* como marca de futuro. Cada ocorrência analisada dá pistas para interpretar quando a atitude do falante revela mais predição ou mais intenção.

Quero jogar é menos *irrealis* (aspecto iminencial, +aspectual, +futuro) que *quero virar* e *quero passar* (expressão de volição, +modalidade). *Quero jogar* vem seguido de “*eu sou*”, indicando presente. No decorrer do diálogo vemos que BAR iniciou o jogo durante o momento de fala, confirmando a possível implicatura: “BAR está prestes a iniciar o jogo no momento em que fala”, já que podemos inferir que *aquí* é uma referência ao momento da conversação. Na escala de futuro de desejo mencionada no item 6.2, essa proposição estaria mais próxima à predição que ao desejo.

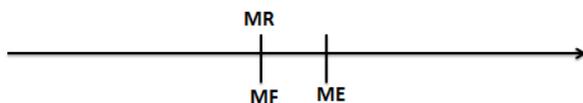


Figura 9: seqüência em que ME (*quero jogar*) é imediatamente posterior a MR (*aqui*), que coincide com MF (*eu sou*).

Já *quero virar* vem precedido que “*tenho que evoluir*”, modalidade deôntica marcada pela estrutura *ter que + verbo* (mais *irrealis*). Após enunciar a proposição, BAR lista uma série de requisitos, ações futuras, que devem ser cumpridos para que se alcance a intenção expressada.



Figura 10: seqüência em que ME (*virar bruxa*) é posterior a MR (*tenho que evoluir*).

▪ **Áudio bfamd130:**

Contexto: conversa entre três mulheres, em uma cozinha, lavando louça e guardando alimentos na geladeira. Após o som de geladeira abrindo e de gelo sendo retirado da forma:

REN: Nossa! Eu não **quero pôr** muito gelo, porque senão vai ficar aguado.

FLA: Ah, vai!

A proposição de REN tem uma implicatura mais próxima da expressão de intenção, seguido de *vai ficar*, indicando predição. Podemos inferir que REN tem intenção de colocar pouco gelo (em alguma bebida, provavelmente) para que a bebida não fique aguada. Nesse caso, *quero* pode ser substituído por “*vou*”, sem que se altere a interpretação de futuridade da proposição.

A linha temporal apresentada na figura 9 (acima) é a mesma para essa situação, sendo ME *ficar aguado*, MR *pôr gelo*.

▪ **Áudio bfamdl32:**

Contexto: conversa entre um homem e uma mulher, aparentemente em um escritório. O homem está ensinando um procedimento à mulher.

BAL: Então agora vamos testar se cê aprendeu alguma coisa.

BMR: Tá.

BAL: Eu **quero fazer** uma gravação, em estéreo, usando os microfones externos.

BMR: Hum hum. Tá.

BAL: Então cê primeiro vai ter que escolher um preset, né?

BMR: Isso.

BAL: Quando a gente usar a bateria, a gente não vai precisar fazer mais todas essas configurações, a gente vai poder guardar e pronto.

BMR: Hum hum.

BAL: Aí eu vou, por exemplo, boto uma etiquetinha: “gravação estéreo com microfones externos”

BMR: Uhn...

BAL: *Preset* tal. Gravação mono, microfone externo, tal... Uma gravação com microfone interno, tal... beleza.

BMR: Hum hum.

BAL: Então tá. Eu **quero fazer** uma gravação nos microfones externos em estéreo.

BMR: Hum hum. Tá. Aí eu vou em "menu" e...

BAL: Hum hum. A gente já configurou esse *preset*, né? A gente não **quer configurar** ele de novo.

BMR: Pois é.

BAL: Então escolhe outro.

BMR: Tá.

[...]

BMR: Tá. Isso aqui é assim mesmo?

BAL: Não, isso aí já é a saída do gravador.

BMR: Tá. Hum hum... "data ok", aqui também tá ok...

BAL: Hum hum. Isso. Já fez as configurações que cê precisa.

No primeiro momento, BAL está dando instruções a BMR e, ao mesmo tempo, está executando as ações que descreve em sua fala (*eu quero fazer uma gravação, em estéreo, usando os microfones externos*). Essas descrições (*então, aí*) servem como passo a passo, indicando as ações futuras que BMR deverá efetuar. *Querer fazer uma gravação* implica, nesse caso, que a intenção está prestes a se concretizar. Tal implicatura é fortalecida pelas marcações seguintes de futuro em *cê vai ter que e eu vou*.

Em *eu quero fazer uma gravação nos microfones externos* BAL repete a expressão de intenção *quero fazer*, mas dessa vez indicando que a gravação deve ser feita por seu interlocutor BMR. BMR infere a intenção de BAL como tarefa a ser executada (consideração confirmada pela proposição “*tá, aí eu vou em ‘menu’*”). Por fim BAL confirma que BMR fez as ações necessárias de maneira correta.

Destaque para “*A gente já configurou esse preset, né? A gente não quer configurar ele de novo*”. Esse enunciado tem como implicatura: o *preset* não será configurado novamente. Nesse caso, podemos dizer que os interlocutores não têm a intenção de configurar outra vez, porque isso seria desnecessário, mas também podemos inferir que eles não irão efetuar a ação descrita porque o advérbio *já* indica que o evento foi concluído antes do momento da fala. *Quer* aqui pode desencadear duas interpretações: a de vontade dos interlocutores (ou ausência de vontade, nesse caso “*não quer*”) e a marcação de predição (substituível por *vai*).

▪ **Áudio bfamd133:**

Contexto: conversa entre mãe e filha, as duas estão na cozinha fazendo bolinhos de chuva.

JAN: Eu **quero passar** eles na canela, pode passar já?

HER: Não... Tem que fritar primeiro, né!

Fora de contexto, a proposição destacada de JAN pode implicar apenas vontade (ou intenção, mais *irrealis*), mas, dentro do diálogo, HER faz uma inferência diferente.

A mãe (HER) interrompe a fala da filha, alterando o tom de voz. Isso dá a entender que a mãe interrompeu também ação da filha, que estava prestes a colocar a massa dos bolinhos na canela, antes de fritar. Ou seja, HER interpretou **quero** como uma predição (ou predição/intenção) (menos *irrealis*).

O pedido de permissão de JAN seguido por *já* pode ser interpretado como indício de que a ação estava na iminência. Essa pista aspectual nos leva a enxergar mais temporalidade e menos modalidade. A resposta de HER com o advérbio *primeiro* indica que há uma etapa que deve ser realizada antes.



Figura 11: sequência em que MF (pretender passar os bolinhos na canela) é seguido por MR (fritar os bolinhos), que é anterior a ME (passar os bolinhos na canela).

▪ **Áudio bfamdl34:**

Contexto: duas mulheres, em ambiente fechado, jogando xadrez.

HEL: Deixa eu pensar uma coisa aqui. Calma...
Vou fazer isso mesmo. Fazer isso, que eu **quero comer** a rainha. Ela tá com a rainha minha, eu **quero comer** uma rainha dela.

HEL: Sem rainha!

CAS: Pera aí! Cê tava aqui.

HEL: É. Eu posso comer. Eu posso usar a minha torre, né? Ela anda assim: horizontal, vertical.

CAS: É.

HEL: Aí eu fui lá e comi sua rainha.

CAS: Ah, certo!

HEL: É isso aí que eu tinha pensado, mas eu **queria comer** rainha, porque rainha tem que comer. Ela tá com a rainha minha, eu tô com muita mais peça dela.

Nas falas de HEL vemos que, após pensar em uma estratégia, ela enuncia que irá fazer o movimento de peças com intuito de “comer” a rainha da adversária CAS. Nesse contexto, **quero** pode significar intenção ou predição. No momento do jogo, era a vez de HEL mover alguma peça e suas peças estavam em posição favorável de modo que era possível (e positivo para HEL) efetuar a ação dita na proposição. Aqui ressaltamos a colocação de Bybee et al. (1994, p. 280) de que a

expressão de intenção e a de predição são comumente interacionais. Não fossem detalhes particulares dessa interação, as interpretações de predição seriam mais fracas.

Chamamos atenção para o momento de fala, ligeiramente anterior ao momento do evento (*sem rainha*), o que indica que *quero* permite inferência de futuro por implicatura (HEL pretende a ação no MF e a realiza no ME, ou seja, diz sua intenção, mas implica predição).

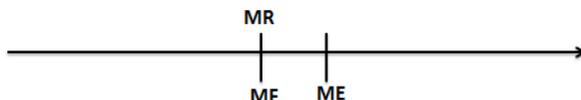


Figura 12: sequência em que MF coincide com MR (*quero comer a rainha dela, aqui*), anteriores a ME (*sem rainha*).

Em todos os casos foi preciso considerar o todo conversacional para fazer tais inferências. É importante ressaltar os contextos linguísticos e extralinguísticos para analisarmos fragmentos de interações já em andamento antes de tentar estabelecer interpretações possíveis. Por isso, destacamos que, neste estudo, as implicaturas de futuridade foram calculadas com base em informações recuperáveis, não em suposições aleatórias. A localização do momento de referência foi feita observando anáforas, em que informações são buscadas em uma sentença anterior, dentro do contexto; e catáforas, quando as informações são buscadas nas sentenças seguintes.

Grças à possibilidade de utilizar na localização cronológica de eventos informações fornecidas no interior do mesmo texto, a interpretação temporal das sentenças assume um caráter coesivo típico, ao lado de outros fenômenos coesivos mais comumente reconhecidos como tais, como a referência ou a elipse (ILARI, 2014, p. 26).

4.2. O valor aspectual

Assim como as demais categorias que envolvem o complexo domínio funcional TAM, o aspecto não é marcado apenas pelo valor inerente do verbo. O mesmo verbo pode assumir diferentes valores

aspectuais conforme seu contexto de uso, o que foi comprovado em nossa observação.

Evidenciamos, dentro da análise aspectual, usos em que o verbo principal acompanhado pelo auxiliar *querer* é uma ação projetada para ocorrer em um futuro imediato, muito próximo ao momento da fala.

O falante projeta, a partir de seu desejo/intenção (modalidade), ou visão prospectiva da situação (aspecto), uma situação particular, ancorada no momento de fala (tempo). Esse contexto harmônico pode ser descrito com um contexto de *futuro imediato* (BYBEE, PAGLIUCA, PERKINS, 1994, p. 245).

Então, na interpretação de futuridade gerada pela implicatura, falante e ouvinte vão da modalidade, na expressão de um estado do falante (*querer*, ter intenção), passam pelo aspecto iminencial (a partir dessa intenção alguma coisa ocorrerá) e chegam à temporalidade (contexto de futuro, onde a ação se realizará).

Abaixo trazemos dois exemplos para ilustrar valores aspectuais diferentes encontrados em enunciados que dispõem implicaturas semelhantes:

▪ **Áudio bfammn12**

Contexto: conversa sobre trabalho do falante.

JUN: Ainda tem que aguentar namorada enchendo o raio do saco. O que é horroroso! Ô, meu Deus do céu! Tem hora que dá vontade de chutar o balde, viu? Mandar a mulher pro espaço! É... e só pra cê ter ideia eu vou no, no... Eu **tô querendo ir** no estádio, ela falou: “ah, nem. Se você não me levar, cê não vai, não, uê!” É... Mulher é bicho feroz mesmo, bicho! Mas ruim com elas, pior sem, né?

▪ **Áudio bfamecv33**

Contexto/local: construindo cenário para filmagem/ ambiente fechado.

MAR: Se bem que ele não ouve, né? Quem ouve é quem?

MAR: Eu vou... **quero mandar** um recadinho pra quem ouve a minha voz.

Ambos os enunciados implicam futuridade, porém o valor aspectual iminencial é presente em bfamcv33 e ausente em bfammn12. O fato de MAR utilizar *vou* e retomar a sentença com *quero mandar* nos mostra que o falante colocou lado a lado a forma *ir* + INF, já gramaticalizada como marcação de futuro por perífrase, e *querer* + INF. Nesse caso, o falante projeta a ação *mandar um recadinho* para o momento imediatamente após sua enunciação, em futuro imediato.

No áudio bfammn12, a expressão *tô querendo ir* não tem o mesmo valor de aspecto. Aqui fica mais evidente aspecto habitual ou repetitivo.

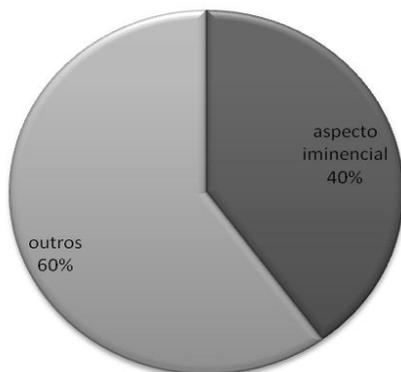


Figura 13: porcentagem de valor aspectual iminencial nas ocorrências.

Dos 55 usos que geram inferência, o aspecto iminencial possui destaque. Mesmo não sendo maioria, nas sentenças em que o aspecto iminencial foi observado, essa marca veio acompanhada do alto grau de comprometimento do falante frente à proposição, resultando em enunciados menos *irrealis*.

4.3. Marcas de modalidade

Os enunciados analisados envolvem modalidade: no alto grau de comprometimento do falante, quando o futuro era imediato e quando o falante (e apenas ele) era o responsável pela realização da ação descrita;

e na expressão de uma vontade interna ao falante, geralmente nos casos de tempo indeterminado.

Uma primeira generalização que pode ser feita na relação entre modalização e tempo-aspecto verbal vai no sentido de conferir aos enunciados relativos a eventos futuros, uma interpretação preferencialmente de raiz, embora a interpretação epistêmica não fique excluída (NEVES, 2000, p. 130).

Em sua investigação sobre a perífrase de futuro *ir* + infinitivo, Gibbon (2000) apresenta resultados semelhantes aos encontrados aqui. Segundo a autora, a partir de traços de modalidade orientada para o agente, especialmente intenção, a perífrase (no caso, já gramaticalizada) amplia seu contexto de atuação no domínio funcional do futuro, passando a codificar contextos nos quais se observa a modalidade epistêmica de menos certeza.

Nos trechos subsequentes vemos, novamente, usos que disparam a mesma implicatura, mas que apresentam graus de modalidade distintos.

▪ **Áudio bfammn15**

Contexto/local: homem falando sobre carreira profissional.

CAR: Aí agora eu tô estudando, vou formar ano que vem em matemática. **Quero fazer** um mestrado em educação, já não quero ficar rico mais porque eu vi que o caminho não...

REG: Não é bom!

JAN: Não dá certo, né, Carlos?

CAR: Felicidade não é...

REG: Ficar rico não é bom...

CAR: Felicidade não é isso, não tem nada a ver. Felicidade tá é dentro da gente. Na verdade, o conforto ele é psicológico, ele não é físico.

[...]

CAR: E quando eu entrei na sala de aula, ai pronto! Aí daí que eu mudei de ideia e falei, eu **queria ser** professor e pronto! Aí eu vi que eu you ser feliz é sendo professor, mesmo que eu ganhe menos um pouco, né? Não tem problema, eu you ser feliz é assim! O prazer que eu tenho em entrar

em sala de aula é como se eu não tivesse trabalhando, é como fosse um hobby, mas um hobby com muita responsabilidade, né? E muita consciência do que tem que fazer pra melhorar.

Os usos *quero fazer* e *quero ficar* remetem a uma projeção de futuridade não delimitada, de fatos que não são verificáveis em futuro próximo. Já em *queria ser* o contexto mais amplo nos permite saber que CAR está em fase final de curso de licenciatura e, diante de dúvida sobre a carreira profissional, expõe sua decisão tomada logo após o momento referido.

▪ **Áudio bfamev01**

Contexto/local: homens falando sobre jogos de futebol e campeonatos organizados por eles e por outros times/ ambiente fechado.

LUI: A gente não devia ter tirado ele do Arnaldinum, não de...

EVN: Uhn...

LEO: A gente tirou mesmo só por causa do seu Joaquim lá, do doidão lá.

LUI: Foi.

EVN: Ô, mas tem outros lugares, o negócio é que a gente não procurou. Eu te mandei uma lista com uns dez lugar diferentes pra olhar.

LUI: Ah, velho, mas eu gosto do Arnaldinum. Eu **quero fazer** o próximo campeonato no Arnaldinum e foda-se pro seu Joaquim.

EVN: O Arnaldinum é caro e tem aqueles problemas. Existem outros lugares tão bons quanto o Arnaldinum e mais baratos.

Nesse exemplo, LUI expressa sua preferência e intenção diante da ação descrita na proposição (*fazer o próximo campeonato no Arnaldinum*). Os traços *irrealis* inerentes da projeção de futuro e dos verbos utilizados (*gostar* e *querer*) denotariam menor certeza se analisados isoladamente. Ao considerarmos a fala posterior, vemos que a interpretação de seu enunciado é de que a ação irá se realizar devido a condições internas do agente (LUI decide onde o campeonato é feito, sua intenção leva à predição). EVN argumenta com seu interlocutor a fim de fazê-lo mudar de opinião, o que resulta em mudança da ação futura (fazer o campeonato em lugares mais baratos).

Nos dados analisados houve maior número de casos de modalidade orientada ao agente, provavelmente condicionado pelo recorte metodológico adotado (usos em primeira pessoa). Destacamos também enunciados em modalidade orientada ao falante, em pedidos indiretos, como estratégia de polidez.

4.4. Polidez

Na busca por ocorrências do verbo *querer* nas gravações do *corpus*, encontramos alguns usos como verbo auxiliar que não implicam noção de futuridade. Destacamos aqui o tipo de uso *querer* + infinitivo como estratégia de polidez.

Proposições com “*queria pedir*”, “*queria perguntar*” e “*queria fazer*”, por exemplo, tendem a ser pedidos indiretos. Esse tipo de construção – geralmente com verbo auxiliar conjugado no pretérito imperfeito – é utilizado como estratégia de preservação de face.

No trecho abaixo, retirado de uma conversação gravada em contexto público, podemos ver um caso semelhante:

- **Áudio bpubcv02**

Contexto/local: conversa sobre reforma/obra.

CAR: Eu **queria sugerir** o seguinte: que a gente fosse um de nós lá e olhasse seguinte... Uhn, Osvaldo!

OSV: O quê? Uhn!

CAR: E olhasse o seguinte: se lá a situação dos outros moradores é igual à dela, pior que a dela ou melhor que a dela.

CAR utiliza *queria sugerir* antes de fazer uma sugestão. Entretanto, aparentemente CAR é responsável por tomar decisões e delegar tarefas, ou seja, sua sugestão é, na verdade, um comando. *Querida sugerir* é menos incisivo que outras formas de realizar esse ato de fala, portanto, um modo mais polido de se dizer.

Isoladamente essa construção (*querer* + infinitivo) não poderia ter implicatura de futuridade, que só é disparada diante do contexto favorável em que se encontra.

4.5. Contextos que se mostraram favoráveis

Finalizamos a apresentação dos resultados de nossa análise elencando os contextos que mais se mostraram favoráveis para disparar implicatura de futuridade a partir do verbo auxiliar de volição *querer*.

O uso mais frequente dentre os casos de implicatura foi verbo auxiliar conjugado no presente do indicativo (*eu quero e a gente quer*) seguido de *fazer* (20% do total). Na tabela 6 estão listadas as vezes em que foram inferidas implicaturas, separadas por contextos e tipo de interação, para cada construção.

	Público			Privado			Total
	CV	DL	MN	CV	DL	MN	
<i>Quero/ quer + INF</i>	02	02	-	18	11	07	40
<i>Queria + INF</i>	01	-	01	04	01	04	11
ESTAR+ <i>querendo + INF</i>	-	-	-	01	-	01	02
IR + <i>querer + INF</i>	-	-	-	01	-	-	01
Subjuntivo: <i>Se eu quiser</i>	-	-	-	01	-	-	01

Tabela 6: quantidade de usos do verbo auxiliar disparando implicatura de futuridade em cada tipo de amostra.

Chamamos atenção para a ocorrência de futuro do subjuntivo (*quiser*), que já é marcação canônica de futuro. Dentro da conversação, esse uso está acompanhado por outros (*eu tô querendo vender a minha por dois e oitocentos. Isso se eu quiser, se eu vender à vista.*), o que nos permite inferir, ainda assim, uma implicatura de futuridade: no momento de fala há a intenção de vender [a moto] por um preço, caso o pagamento seja feito à vista (ME posterior ao MF). O modo subjuntivo é conhecido o “modo da dúvida”, porém aqui o falante está decidido a vender [sua moto] por “dois e oitocentos” quando a oportunidade surgir. O falante projeta uma ação futura por meio da expressão de sua intenção, faz uma asserção *irrealis*, mas com maior certeza que a típica expressão do subjuntivo.

Estão representados nas figuras 13 e 14 os verbos principais que acompanham as conjugações do verbo auxiliar (no presente e no pretérito imperfeito do indicativo) que mais disparam implicatura de futuramente.

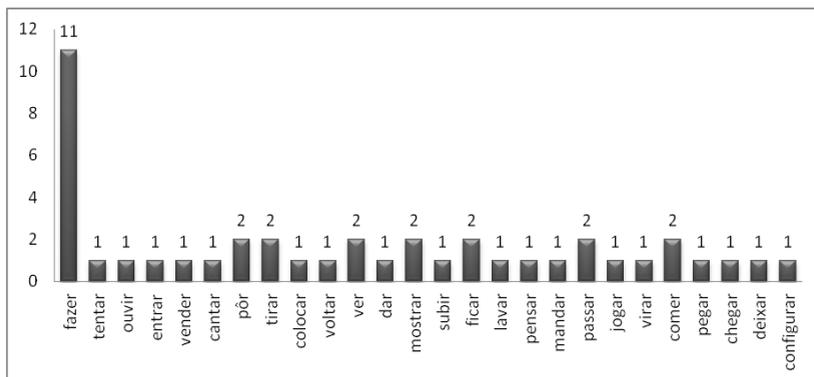


Figura 14: número das ocorrências de “*quero/quer + INF*” para cada verbo principal.

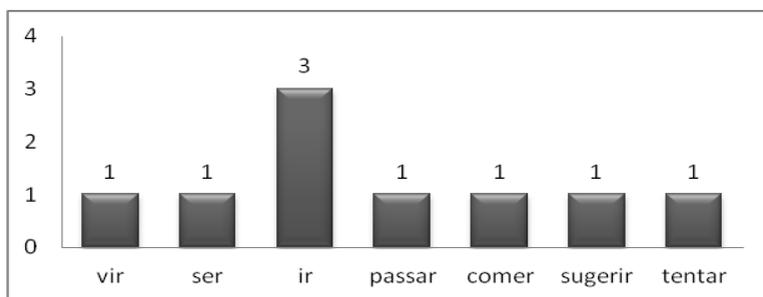


Figura 15: número de ocorrências de “*queria + INF*” para cada verbo principal.

O tipo de verbo principal não se mostrou um fator relevante para os usos em primeira pessoa de *querer* como auxiliar, inclusive nos usos que disparam implicatura.

Outro fator analisado que se mostrou propício para interpretação de implicatura de futuramente foi o papel temático do sujeito. Observamos apenas sujeitos experienciadores e agentes, o que já era esperado por destacarmos apenas ocorrências em primeira pessoa.

A grande maioria (87%) das implicaturas é inferida a partir de contextos em que o sujeito do verbo, além de enunciador, é agente da ação mencionada na proposição. Por ser agente, responsável por

desencadear a ação indicada no verbo principal, a significação típica de volição ou intenção de *querer* perde espaço para a interpretação de implicatura de futuridade (posição de predição), onde há maior comprometimento por parte do falante.



Figura 16: porcentagem de implicaturas de futuridade separadas por papel temático do sujeito.

Além disso, outro critério que influencia a inferência por implicatura é a projeção de futuridade e a delimitação do tempo. Em 15 ocorrências (27% do total) o tempo de referência era indeterminado, com projeção de futuridade mais *irrealis*, sem nenhuma pista que informasse se a ação ocorreria mais próxima ou mais distante do momento da fala.

Já os casos em que há marcas temporais em outros itens da sentença (fora da flexão verbal analisada) somam 40 ocorrências (73%). As ações indicadas nos verbos principais ocorreram num futuro próximo do momento da fala em 33 (60%) orações e num futuro mais distante em 07 (13%). Nesses casos, temos ainda modalidade *irrealis*, mas com maior grau de certeza.

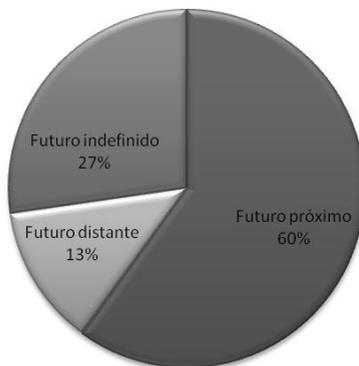


Figura 17: porcentagem dos tipos de projeção de futuridade dentro das implicaturas destacadas.

Por fim, apresentamos os dados que contêm outras marcas de futuridade, além da flexão do verbo auxiliar. Contabilizamos outros verbos conjugados no mesmo turno de fala, advérbios e demais referências que influenciam a interpretação de predição por implicatura.

Todos os enunciados que nos permitem inferir futuridade por implicatura, disparada por *querer* + INF, estão inseridos em um contexto harmônico. Mesmo em sentenças anteriores, numa conversa, há pistas para a significação dos enunciados posteriores. Assim como informações acrescentadas ao longo da interação também mudam nossas possibilidades interpretativas.

Conforme as informações são apresentadas por quem fala ou aparecem no contexto extralinguístico, o contexto da interação entre falante e ouvinte muda. Inferências que antes poderiam ser implicaturas, se tomadas como fato, passam a ser pressupostos; implicaturas podem ser reforçadas ou canceladas; etc..

Os elementos linguísticos que constituem os contextos favoráveis para a significação que investigamos são, principalmente, verbos próximos do enunciado conjugados no futuro e no presente (em muitos casos de marcação de tempo futuro, como em *Isso eu faço amanhã*) e advérbios (*já, então, aí...*).

	Público			Privado			Total
	CV	DL	MN	CV	DL	MN	
Outros verbos conjugados no futuro	01	02	-	14	03	05	25
Advérbios	02	-	01	04	05	03	15
Outros verbos conjugados no presente	-	-	-	07	01	04	12
Dêiticos	-	-	-	03	03	-	06
Enunciados de modalidade deôntica próximos	-	-	-	02	03	01	06
Referência temporal (data, horário, etc.)	-	-	-	02	-	03	05

Tabela 7: elementos linguísticos presentes no enunciado com significação temporal implicada.

O total das ocorrências de elementos levantados é maior que o número de implicaturas porque, em muitos casos, mais de um elemento faz parte dos contextos favoráveis de cada recorte. Não foram contabilizados todos os usos desses elementos nas gravações selecionadas, apenas os que nos pareceram ter influência necessária na inferência por implicatura, ou que estavam mais próximos da sentença em que *querer* + INF aparecia.

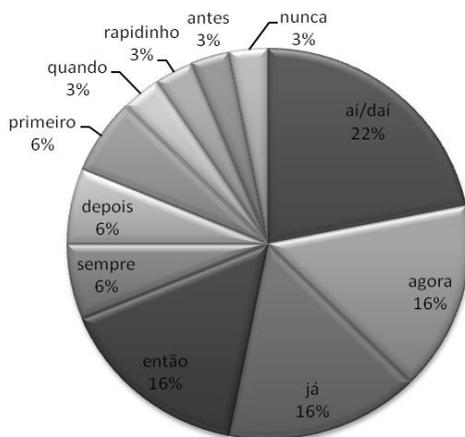


Figura 18: porcentagens dos advérbios destacados como pistas para as implicaturas mais frequentes.

Os advérbios que mais foram frequentes nos casos de inferência de futuridade foram *ai* e *daí*, seguidos de *então*, *já* e *agora*. Tais advérbios contribuem para interpretarmos valores aspectuais e, conseqüentemente, temporais nos enunciados que os carregam.

Considerações finais

A reflexão sobre os conceitos tratados nos textos do referencial teórico e a análise dos dados nos encaminhou para algumas conclusões a respeito do uso de *querer* + infinitivo e da sua interpretação de futuridade. Nesta última seção, apresentamos algumas respostas para as questões que colocamos no início da investigação e levantamos possibilidades para estudos posteriores, principalmente sobre marcação de futuro e o papel da implicatura nas interações conversacionais.

Quando aprofundamos nosso olhar em temas específicos, nos deparamos com um emaranhado de informações: ao puxar a ponta de um fio – que aparentemente satisfaria as necessidades mapeadas –, trazemos junto todos os outros fios amarrados a ele. Provavelmente, uma das aflições dos pesquisadores ao realizarem levantamentos bibliográficos é buscar nas referências outras referências e ter a impressão de que nunca será possível dar conta de abarcar tudo sobre um fenômeno. No desenvolvimento de uma pesquisa, abrimos vários outros caminhos que não imaginávamos existir e vemos que damos conta de seguir em apenas alguns deles. Os outros ficam em aberto para outras, *futuras*, investigações.

Nosso intuito ao realizar esta pesquisa foi unir diferentes, porém complementares, perspectivas de análise do uso da língua. Partimos daí porque acreditamos que a comunicação é elemento indissociável da cognição. Se determinado uso existe na língua, ele tem motivações cognitivas e comunicativas, que refletem a organização de um sistema linguístico heterogêneo, variável e em constante mudança.

São múltiplas as situações interativas e as possibilidades de enunciados que podemos produzir. Construímos, enquanto falantes, contextos e formas para expressar cada nuance específica de significado que queremos transmitir. Por razões de economia, comunicativa e cognitiva, tendemos a utilizar formas menos dispendiosas, que agregam maior conteúdo informativo em menor quantidade de informação.

Tendo isso em vista, por que, então, utilizar formas mais complexas, como as perífrases, para expressar algum conceito que já possui forma linguística simples? Isso provavelmente ocorre porque as formas simples não são tão expressivas quanto as perifrásticas, que carregam, além do sentido do verbo principal, o valor do verbo auxiliar.

Nossos resultados vão ao encontro dos apontados nos estudos de Gibbon (2000) e Oliveira (2006) sobre futuro perifrástico com *ir* +

infinitivo. As autoras já haviam apontado para a preferência de usos perifrásticos, principalmente quando o sujeito é agente ou experienciador (OLIVEIRA; OLINDA, 2008, p. 114).

É a polissemia do verbo *ir* (movimento no espaço e no tempo) que desencadeia uma mudança semântica, fonte da gramaticalização desse verbo como auxiliar que exprime futuridade (OLIVEIRA; OLINDA, 2008). A polissemia de *querer* também é responsável pela possibilidade desse item funcionar como auxiliar nessa marcação temporal: quando *querer* é um desejo, trata-se de um enunciado expressivo; quando é intenção, é uma predição.

Nos dados analisados, as implicaturas decorrentes da expressão de volição veiculadas pelo verbo auxiliar *querer* levam a uma interpretação de tempo futuro, principalmente porque uma das origens do futuro (tempo verbal) é derivada de noções como desejo e intenção.

Não é o caso de implicatura convencional, mas sim de *implicatura conversacional escalar*. Ou seja, a inferência não decorre apenas da forma *querer* + infinitivo, independentemente do contexto. É preciso recrutar certos fatores contextuais para a construção dessa significação.

Porque essa inferência está no plano do não dito, utilizar *querer* para marcar futuro indica pouco comprometimento por parte do falante em alguns casos – pois, dentro de uma escala, ele opta por utilizar a forma mais “fraca”, que não acarreta a mais “forte”. Entretanto, quando a realização da ação descrita no verbo principal depende do falante enquanto agente, temos alto comprometimento, trazendo uma interpretação como *essa ação acontecerá porque essa é minha vontade enquanto agente*.

Querer + infinitivo, em usos em primeira pessoa, pode denotar que a ação descrita no verbo principal é um desejo ou que ela será desenvolvida após o momento de fala, num ato comissivo, por exemplo. Palmer (1986, p.116) chama atenção para o fato de marcadores de futuro, em geral, serem interpretados como promessas, mas seria melhor considerá-los como significado indireto ou derivado desse uso. A maioria dos casos em que destacamos implicaturas se encaixa em atos comissivos, mas usos de *querer* envolvem também atos expressivos, quando descrevo uma intenção como um estado. Para um ato de promessa é essencial a vontade do falante/agente,

uma pessoa é capaz de determinar seu próprio futuro imediato com muito mais credibilidade que o de outra pessoa, portanto a mescla de intenção e

predição presentes num auxiliar para o futuro pode variar entre a primeira pessoa e a segunda e a terceira (PINKER, 2008, p. 227).

Verbo inerentemente *irrealis*, *querer* agrega valores temporais e aspectuais às sentenças em que dispara implicatura de predição. Usos com ação iminente, sujeito agente, acompanhado de marcas temporais como advérbios ou outros verbos conjugados têm o contexto em que *querer* serve para marcar evento futuro, além de significar que o desenrolar desse evento é desejado pelo falante.

A marca do aspecto, particularmente do inceptivo, é um ponto anterior à marcação do futuro. Quando há atuação do aspecto, interpretamos o enunciado com maior marca de tempo do que modalidade.

Tendo em vista que verbos de modalidade podem gramaticalizar-se em modais, consideramos o uso de *querer* como auxiliar em primeira pessoa implicando futuridade modal. A implicatura de futuridade a partir desse uso tem a ver com as habilidades e intenções dos falantes frente às asserções que são feitas. Considerando que verbos modais podem criar ou descrever modalidade, concluímos que *querer* pode funcionar como verbo auxiliar modal de intenção ou desejo.

Destacamos a importância de se analisar e descrever verbos modais,

[...] que, mais que outros elementos lexicais, exigem um tratamento gramatical que se acople à investigação do léxico (uma lexicogramática), para que questões ligadas à natureza da predicação (predicado e argumentos), bem como às categorias gramaticais que se aplicam a verbo (tempo, modo, aspecto e pessoa), se componham com as leituras modais básicas, para, então, chegar-se aos significados contextuais, e, em última instância, aos significados discursivos prototípicos, numa busca de fornecer ao usuário da língua as acepções que ele reconheça como aquelas que, de fato, correspondem aos significados do uso (NEVES, 2000, p.143).

Acreditamos, nesse primeiro momento, ter sido mais importante fazer a descrição do fenômeno observado do que trazer dados quantitativos. O número pouco expressivo de ocorrências não diz muita coisa sobre um possível processo de mudança ou revela algum estágio

de gramaticalização. Entretanto, a possibilidade de uma interpretação recorrente em diversos contextos é o que destacamos, mais do que a quantidade dessas inferências dentro de um *corpus*.

Ressaltamos que quantificar dados de inferências como implicaturas pode ser problemático, já que, enquanto analistas, estamos distantes do contexto em que a forma investigada foi utilizada. Nossa interpretação, apesar de pautada em uma série de critérios, é artificializada. No uso efetivo, na interação face a face, muitos fatores são elencados para compor a significação, tantos que não conseguimos recuperar em dados gravados.

Finalmente, defendemos que as respostas encontradas nesta investigação podem servir como ponto de partida para outros trabalhos, principalmente sobre o valor modal de *querer* enquanto verbo auxiliar e a marcação de futuro de desejo em português brasileiro.

Outras questões e outras respostas podem surgir numa abordagem mais filosófica dos conceitos de desejo e intenção. Assim como o estudo aprofundado sobre teorias de implicatura, conceitos de contexto e atos de fala certamente poderá esclarecer pontos que ficaram vagos.

Referências

AUSTIN, J. L.. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BECHARA, E.. Verbo. In: _____. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009. p. 209-286.

BENVENISTE, E.. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BITTENCOURT, D. L. R.. **O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade**. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis: UFSC, 2014.

BYBEE, J.; DAHL, Ö.. The Creation of Tense and Aspect Systems in the Languages of the World. **Studies in Language**, v. 1, n. 13, 1989.p. 51-103.

BYBEE, J.; PAGLIUCA, W. The evolution of future meaning. In: RAMAT, A. G., CARRUBA, O.; BERNINI, G. (Ed.). **Papers from the Seventh International Conference on Historical Linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1987. p. 109-122. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=BUB6CtbztgcC&pg=PA109&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 10 jul. 2015.

BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W.; PERKINS, R. D.. Back to the Future. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization: v. 2: Focus on theoretical and methodological issues**. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p.17-58.

_____. **The Evolution of Grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: The University Chicago Press, 1994.

CAMARA JR., J. M.. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARDOSO, T. M. **Processos de concordância verbal com SN-Sujeitos complexos a luz do princípio da marcação de Talmy Givón.** Rio Grande/RS: NEELP/FURG, 2014 (Artigo de especialização).

CASTILHO, A. T.. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa de (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas.** São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.

CHIERCHIA, G.. **Semântica.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DEUTSCHER, G.. As forças da criação. In: _____. **O desenrolar da linguagem.** Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 207-242.

FOSSILE, D. K.. Valores aspectuais do português brasileiro e do alemão: uma proposta de síntese. In: MOURA, H.; MOTA, M. B.; SANTANA, A. P. (orgs.). **Cognição, Léxico e Gramática.** Florianópolis: Insular, 2012. p. 47-93.

FREITAG, R.; ARAÚJO, A.; BARRETO, E.. Emergência e regularização de usos em categorias verbais do português: gradações de modalidade nos valores condicional, iminencial e habitual no domínio do passado imperfectivo. **Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)**, Natal, v.15, n.1/2, 2013. p. 99- 122.

GIBBON, A. O.. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação.** Dissertação (Mestrado em Linguística), Florianópolis: UFSC, 2000.

GIVÓN, T.. Tense, aspect and modality I: functional organization. Tense, aspect and modality II: typological organization. In: _____. **Syntax: An Introduction (Vol I).** Amsterdã/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001a. p. 285-366.

_____. **Syntax: An Introduction (Vol II).** Amsterdã/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001b.

_____. **A compreensão da gramática.** São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012.

GLOCK, H. J.. Vontade. In: _____. **Dicionário Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 378-381. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?isbn=8571104409>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE)**, Natal, v.15, n.1/2, 2013. p. 75-97.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F.. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

_____. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). **The handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HOPPER, P. J.. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization: v. 1: Focus on theoretical and methodological issues**. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S.; MELLO FRANCO, F.M. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009. CD-ROM.

ILARI, R.. **A expressão do tempo em português**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LEVINSON, S.. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIMA, R.. Verbo. In: _____. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 168 – 225.

MERCER, J. L. V.. O Futuro nas Línguas Românicas. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 385-394, 2011.

MOURA, H. M. M.. **Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática**. 3 ed. Florianópolis: Insular, 2006.

MOURA, H. M. M.; MILIORINI, R.. As causas por trás da modalidade: advérbios modalizadores e dinâmica de forças. In: CAMBRUSSI, Morgana Fabiola; ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros. (Org.). **Léxico e Gramática**. Curitiba: CRV, 2012, v. 1, p. 103-122.

NEVES, M. H.M.. A modalidade. In: KOCH, I. G. V.. **Gramática do Português falado**: volume VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 163-199.

_____. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambigüidades. **Alfa**, São Paulo, v.44, p.115-145, 2000.

OLIVEIRA, J. M.; OLINDA, S. R. M.. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p.93-117, jul-dez. 2008.

OLIVEIRA, J. M.. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PALMER, F. R.. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PEREIRA, I.. **Mesmo: a multifuncionalidade de um item linguístico camaleônico**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Florianópolis: UFSC, 2013.

PERINI, M. A.. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PINKER, S.. **The language instinct: How the mind creates language**. New York: Harper Perennial, 2007.

_____. **Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RASO, T.; MELLO, H. **C-Oral-Brasil I: corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. CD-ROM.

SEARLE, J. R.. **Expressão e Significado**: Estudos da teoria dos atos de fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995a.

_____. **Intencionalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995b.

SOARES, F. N. A.. Hume sobre a volição e a faculdade da vontade. **Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, v. 15, n. 1, p.100-132, out. 2013.

STEFFLER, A.. **Os verbos modais do português sob uma perspectiva de traços funcionais**. Dissertação (Mestrado), Maringá: UEM, 2013.

SWEETSER, E.. Modality. In: _____. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 49-75.

TERRA, L. O.. **Padrões funcionais do verbo querer no português culto e popular do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), São Paulo: USP, 2009.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E.. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization: v. 1: Focus on theoretical and methodological issues**. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 189-218.

Anexos

Abaixo estão todos os trechos retirados do *corpus* desta pesquisa em que foram analisadas implicaturas de futuridade, agrupados por tipo de gravação e tipo de interação.

Monólogo - contexto familiar

Áudio bfamnn05

Duração: 09:52

Falante: mulher

Contexto/local: contando sobre adoção da filha.

CAR: Ela já não é muito chegada à mãe. Quando eu falo: “a sua mãe, ela fala assim: “não, a minha mãe é a senhora!”. Mas eu nunca quero tirar o direito, que até os cinco anos nós levamos ela pra mãe ver, levamos ela pra avó ver, porque a avó amputou as duas pernas, câncer no calcanhar.

MAR: Tadinha! Nossa!

CAR: E teve que amputar as duas pernas aqui. Hoje anda numa cadeira de roda. Então a gente levava ela pra avó ver, não pela mãe. Porque também se fosse pela mãe, não levaria, não. Mais pela avó. E outra também, que quando nós fomos levar o papel da advogada lá pra assinar, que a advogada é que mexeu pra mim, ela não queria assinar. E eu tinha prometido ela que ela não ia perder o direito de ser mãe, sabe? Aí ela pegou e falou comigo: “então já que é assim, a senhora pode levar!”. Aí jogou o papel pra lá, não entregou nem na mão da gente, assinou e jogou. Essas pessoas assim, humildes, mas umas pessoas muito mal-educadas.

Áudio bfamnn08

Duração: 11:06

Falante: mulher

Contexto/local: fala sobre refeições que cozinha/serve.

HMB: Eu acho que a paella é uma excelente opção de jantar porque é um prato completo, bonito e muito saboroso.

HRM: Hum hum.

HMB: E que eu levo horas pra fazer, porque eu **quero fazer** do jeito certo, né?!

Áudio bfammn12

Duração: 07:57

Falante: homem

Contexto/local: conversa sobre trabalho do falante.

JUN: Ainda tem que aguentar namorada enchendo o raio do saco. O que é horróroso! Ô, meu Deus do céu! Tem hora que dá vontade de chutar o balde, viu? Mandar a mulher pro espaço! É... e só pra cê ter ideia eu you no, no... Eu **tô querendo ir** no estádio, ela falou: “ah, nem. Se você não me levar, cê não vai, não, uê!” É... Mulher é bicho feroz mesmo, bicho! Mas ruim com elas, pior sem, né?

Áudio bfammn15

Duração: 07:45

Falante: homem

Contexto/local: falando sobre carreira profissional.

CAR: Aí agora eu tô estudando, you formar ano que vem em matemática. **Quero fazer** um mestrado em educação, já não **quero ficar** rico mais porque eu vi que o caminho não...

REG: Não é bom!

JAN: Não dá certo, né, Carlos?

CAR: Felicidade não é...

REG: Ficar rico não é bom...

CAR: Felicidade não é isso, não tem nada a ver. Felicidade tá é dentro da gente. Na verdade, o conforto ele é psicológico, ele não é físico.

[...]

CAR: E quando eu entrei na sala de aula, aí pronto! Aí daí que eu mudei de ideia e falei, eu **queria ser** professor e pronto! Aí eu vi que eu you ser feliz é sendo professor, mesmo que eu ganhe menos um pouco, né? Não tem problema, eu you ser feliz é assim! O prazer que eu tenho em entrar em sala de aula é como se eu não tivesse trabalhando, é como fosse um hobby, mas um hobby com muita responsabilidade, né? E muita consciência do que tem que fazer pra melhorar.

Áudio bfammn17**Duração: 05:34****Falante: mulher****Contexto/local: contando sobre viagens feitas.**

HBF: Aí uma vez eu, vendo o restaurante lá, falei assim: “um dia eu vou vim aqui nesse restaurante, mas eu **quero subir** esse morro a pé!” Tem estrada pra carro e tudo mais, vai fazendo as voltas e tal e a gente chega lá no alto. E a Hortênsia tinha menos de quatro anos. O lance era fazer a Hortênsia subir o morro com menos de quatro anos. A Marina tinha uns dez anos e a Cíntia devia de ter doze. Aí eu fiz essa vontade, sabe? Fiz essa vontade. Aí peguei, deixei o carro no pé do morro e fui subindo, né?! E pra poder subir e fazer essas meninas... não podia dar colo pra Hortênsia, nem pra Marina, né? A Cíntia não ia pedir colo mesmo, né? Mas nem eu, nem a Cíntia não íamos aguentar subir o morro carregando criança, né? Tive que ter uma conversa danada pra empurrar essas três morro acima, pra chegar até lá no alto. Aí a gente almoçou, depois do almoço descansamos bastante.

[...]

HBF: Aí, no dia de ir embora, eu **queria vim embora**. E levantamos, arrumamos as coisas e cadê que a dona da casa não tava lá? A dona da casa não tava em casa, não tinha ninguém em casa.

JAN: E deixaram vocês sozinhos, lá?

HBF: É. E a gente lá e eu esperando pra poder ir embora. E a dona nunca mais que chegava, aí eu fiz o cheque do valor que a gente tinha combinado, botei dentro da gaveta dela e fui embora!

Áudio bfammn23**Duração: 09:38****Falante: mulher****Contexto/local: falando sobre experiência profissional.**

MEL: Na primeira aula fui eu. A gente deu aula de cultura e civilização italiana. Então a gente levou o mapa-mundi pra mostrar a localização da Itália, a gente levou também transparência pra mostrar... A gente **queria mostrar** o mapa da Europa, né? Depois de mostrar o mapa-mundi a gente **queria mostrar** a Europa e depois a Itália. Só que era transparência e o retroprojetor da escola não funciona, então não deu certo. Pelo menos o mapa-mundi era de papel, né? Que o papel sempre

funciona! Aí não deu certo, mas tudo bem porque eu também tinha montado um texto pra entregar pra eles e junto com esse texto eu coloquei um mapa da Itália. Então pelo menos o papel a gente sempre tem. Aí ficou sem o mapa da Europa, mas tudo bem.

[...]

MEL: E vai ter uma aula, eu **quero dar** uma aula também sobre a sala de aula, né? Pra eles aprender a falar "caderno", "livro", "borracha", "lápiz", "caneta", outras coisas igual "levantar a mão", "escrever", "ler"... A gente vai dar uma aula sobre isso também.

Áudio bfamnn24

Duração: 08:39

Falante: homem

Contexto/local: fala sobre escolhas de curso superior

MIC: Quando eu era menor, eu falava “Nossa! **Quero fazer** administração!” Por a família da minha mãe já ser quase todos administradores, eles têm uma vida estabilizada hoje em dia, então, Nossa!, vou fazer administração porque é chique e tal. Porque antigamente só fazia administração quem mesmo recebia alguma herança, alguma empresa, alguma coisa assim, sabe?

[Entretanto, a falante, durante o áudio, diz que pretende ingressar no curso de publicidade.]

Conversação – contexto familiar

Áudio bfamcv01

Duração: 06:52

Falantes: 04 homens

Contexto/local: falando sobre jogos de futebol e campeonatos organizados por eles e por outros times/ ambiente fechado.

LUI: A gente não devia ter tirado ele do Arnaldinum, não de...

EVN: Uhn...

LEO: A gente tirou mesmo só por causa do seu Joaquim lá, do doidão lá.

LUI: Foi.

EVN: Ô, mas tem outros lugares, o negócio é que a gente não procurou. Eu te mandei uma lista com uns dez lugar diferentes pra olhar.

LUI: Ah, velho, mas eu gosto do Arnaldinum. Eu **quero fazer o próximo** campeonato no Arnaldinum e foda-se pro seu Joaquim.

EVN: O Arnaldinum é caro e tem aqueles problemas. Existem outros lugares tão bons quanto o Arnaldinum e mais baratos.

Áudio bfamcv04

Duração: 07:27

Falantes: 02 mulheres e 02 homens

Contexto/local: jogando jogos de tabuleiro, explicando as regras do jogo/ ambiente fechado.

HEL: Eu acho melhor eu ficar assim porque...

BRU: Cê quer começar?

HEL: Não, eu adivinho.

BRU: Adivinhando.

HEL: É, porque **quero ver** como é que cê faz.

BRU: Tá.

[Depois de adivinhar a mímica, HEL é a próxima a fazer mímica:]

BRU: Agora é ocê que faz.

Áudio bfamcv08

Duração: 09:54

Falantes: 03 mulheres

Contexto/local: conversa sobre divisão de despesas após compras em supermercado/ local fechado, casa.

REN: Tá tudo errado. Papel higiênico ela bateu uma, duas, três... Nossa!

FLA: Que que a gente faz? Eu **quero voltar** lá!

REN: Ô, a gente tem que reclamar mesmo!

FLA: Temos!

REN: Ela bateu, tá tudo errado!

FLA: Pior que a gente tinha que ter conferido na hora.

REN: É, agora como que a gente leva as compras de volta pra poder...

FLA: Mas ela vai lembrar. Pior que eu não lembro que mulher que é.

REN: Nem eu!

Áudio bfamcv10

Duração: 07:06

Falantes: 03 homens e 01 mulher

Contexto/local: conversa sobre almoço entre familiares/ cozinha, com mulher cozinhando.

ONO: Se eu arranjasse um lote pra nós lá, ué?

CAR: Tirar nota fiscal, tirar tudo?

ONO: Fazer defumador lá, ué! No lote. Cê não vai comprar o lote, não?!

Cê não vai arrumar o lote lá pra nós, não?! Já tá metade, tá duro lá, já!

Tá firminho o lote lá que cê tá olhando!

[...]

ONO: Mas nós foi lá, ué! Eu **quero fazer** lá o defumador, sô! Naquele canto seu lá.

CAR: Defumador, não! O Senhor vai mexer com defumador mais não!

ONO: Não. Fresca só, então só fresca, ué!

CAR: Nós vamos pensar o que nós vamos fazer, com calma...

ONO: Vou combinar com o Vardir. Se ele quiser que eu desça, eu vou combinar com o Vardir. Se ele deixar eu descer lá para baixo, eu vou descer. Vou levar os trem pra lá.

Áudio bfamcv12

Duração: 08:14

Falantes: 02 homens e 01 mulher

Contexto/local: conversa sobre reforma/construção de casa/ casa dos falantes.

VER: Eu pedi o João Maurício pra fazer um projeto lá pra cima.

CAR: Pra pôr um telhado alto?

VER: É, isso aí. O conteúdo do projeto vocês que vão ser moradores lá de cima que vão falar.

CAR: Eu não vou ser morador lá de cima!

VER: Aí eu quero...

GIL: Uai! Mas não ia ter o lance do quarto?

VER: Vai ter o quarto pra ele, sim.

CAR: Mas eu não vou estar aqui mais quando esse quarto tiver pronto.

VER: Tudo bem! A gente vai fazer um projeto lá pra cima...

CAR: Pra três pessoas.

VER: A gente vai fazer um projeto lá pra cima que... porque eu **quero tirar** todo aquele telhado e **colocar** outro, mas eu preciso que ele faça o projeto, afinal de contas ele é dono.

GIL: Pra quê?

VER: Pra eu ir fazendo o orçamento, ir comprando os materiais aos poucos e tal... porque aí quando eu tiver com o material todo comprado é só eu ter o recurso pra mão de obra.

GIL: Hum hum.

[...]

VER: Mas eu **quero pôr** isso, um aquecedor solar lá em cima.

GIL: Aquecedor solar é bacana!

VER: Isso... e a gente vai ter uma economia de luz considerável.

GIL: E água quente em tudo quanto é canto.

VER: É... na...

GIL: Torneira...

VER: Na pia da cozinha e tudo.

Áudio bfamcv14

Duração: 07:23

Falantes: 02 mulheres e 01 homem

Contexto/local: conversa sobre repertório de show de dois falantes e instruções de caminho/ casa de uma das falantes.

LCS: Cê não tem vontade de incluir música em inglês no seu repertório, não?

JSA: Não. Não é nem por não ter vontade, é porque como eu não tenho o hábito...

AJC: Já tem, uê! "Boa Sorte", uê!

LCS: "É só isso"....

JSA: É!

AJC: Uai!

JSA: Como eu não tenho o hábito de cantar em inglês, então eu tenho que pegar direitinho, a pronúncia certinho, né?! Porque assim, muita gente canta, né?!

LCS: Aí dá mais trabalho.

JSA: Mas não canta o inglês certinho, né?

LCS: É.

JSA: Muita gente enrola...

LCS: Canta o "embromation" lá, tal...

JSA: É. E pra mim não funciona isso. O dia que eu for cantar, eu **quero cantar** direitinho.

Áudio bfamev16

Duração: 06:06

Falantes: 02 homens e 02 mulheres

Contexto/local: casa de alguns dos falantes, falando sobre venda de motos e carros.

THI: Aí eu falei: "ô, xxx, tá à venda, cara. Tá à venda". Ele falou: "cê quer vender?" Eu falei: "**quero**, só que tá complicado. Já tentei vender, o pessoal tá pagando muito barato..." Ele falou: "não, então eu vou pegar d' ocê" Foi lá e tirou uma caixa de sapato toda completa de nota de cinquenta!

VAN: Quê?

THI: Toda completa!

VAN: É igual as coisa de novela.

JOR: Que horrível, né?!

VAN: Que que é isso!

THI: Foi lá e tirou um chumaço dessa altura aqui e falou: "me ajuda a contar aqui".

VAN: Sério?

EDE: Esse cara trabalha só pra disfarçar.

THI: Foi lá e contei lá.

VAN: Mentira! Não tô acreditando nisso gente!

EDE: É, ele trabalha só pra disfarçar, ué!

VAN: Que isso!

[...]

EDE: Eu **tô querendo vender** a minha por dois e oitocentos.

THI: Eu vendi a minha.

EDE: Isso se eu **quiser**, se eu vender à vista.

VAN: Cê vendeu por quanto?

EDE: Ela vale três e ... porque eu comprei por três e meio.

Áudio bfamecv17

Duração: 03:30

Falantes: 02 mulheres e 01 criança

Contexto/local: contando história (Os Três Porquinhos)/ local fechado, provavelmente casa.

KAR: Aí o lobo mau correu atrás dele, bateu lá na porta: toc, toc, toc, eu **quero entrar!** Abre essa porta agora!

EDU: Aí ele falou...

KAR: Falou, aí o porquinho: “não vou abrir e não vou abrir!” “Abre a porta, senão eu vou soprar!”!

EDU: Ah! Caiu a casa!

KAR: Caiu a casa de novo!

EDU: Aí ele foi pra outra casa.

ISA: Aí os dois saíram correndo tudo pra casa.

KAR: Foi pra outra casa...

Áudio bfamecv22

Duração: 13:04

Falantes: 02 mulheres e 01 homem

Contexto/local: conversa sobre filmes/ local de trabalho.

BRU: Posso contar então?

JAN: Pode.

PRI: Ah! Não sei, ué!

BRU: Não, não vou contar, não.

JAN: Tampa o ouvido, então, Priscila.

BRU: Depois eu conto, depois eu conto.

PRI: Conta aí que eu vou sair, tá bom?

JAN: Conta, conta!

PRI: Eu saio rapidinho.

BRU: Tá, é o seguinte: simplesmente eles chamam o curandeiro lá da duma tribo lá. É tudo nômade, né, vive em barraca, tal. Chamam um curandeiro, o curandeiro chega com aquele violino árabe e ele que fala e

canta com aquela...

PRI [para alguém fora da sala]: O Bruno tá contando uma coisa pra Janayna e eu não **quero ouvir**.

BRU: esqueci como é que chama o fenômeno que você... os orientais têm muito...

[PRI volta e não ouve o fim do filme.]

Áudio bfamcv24

Duração: 06:39

Falantes: 03 homens e 01 mulher

Contexto/local: conversa sobre festas e corte de cabelo/ casa de algum dos falantes.

MAR: Ô, Bruno, porque se ocê for tentar reproduzir um desses cortes playboy, fica feio.

BAL: Eu não **quero tentar reproduzir** corte playboy, eu tenho que fazer uma coisa que fica bem na minha cara.

MAR: Então tem que dar uma... ficar meio torto, meio cara de catarrento. Eu quando **quero fazer** um corte...

PLA: Olha o cabeça dela, olha o cabelo da Júnia!

DAN: Que cara de catarrento, Marco Antônio!

MAR: É, exatamente!

PLA: É todo torto, todo...

MAR: É... eu quando vou cortar o cabelo, eu pergunto assim: ô, Dani, eu tô com cara de doente, aqueles esquisitos?

DAN: Tá com cara de catarrento, não.

MAR: Ah, então tá bom! Porque o meu parâmetro é o Arnaldo Antunes.

Áudio bfamcv26

Duração: 06:41

Falantes: 03 mulheres e 01 homem

Contexto/local: falando sobre histórias cotidianas/ casa de alguns dos falantes.

MIC: Eu **quero lavar** minha mão. Eu fiquei noventa horas esperando ônibus e quase perdi o meu.

[em seguida barulho de torneira]

MIC: Eu naquelas picaretagens, porque tudo meu é na base da picaretagem, né?! Eu fui e mandei fazer o carimbo da escola, mandei fazer o carimbo da diretora, tipo assim, eu falei: “ah, não, eu **quero fazer** estágio, tal”... aí ela “não, tudo bem, claro. Então vou carimbar a sua folha.” Pegou a minha folha e carimbou todos os carimbos que ela tinha lá na vida ela carimbou na minha folha.

Áudio bfamev28

Duração: 06:49

Falantes: 03 mulheres

Contexto/local: conversa sobre compras/ ambiente fechado.

RAQ: E eu cheguei lá, olhei, arrumei uma sandália, “mãe, vamos embora”.

JUL: E já queria ir embora de todo jeito. Falei: “não, cê que me chamou pra vim, agora cê vai aguentar a Feira inteira que eu **vou querer ver** tudo!”.

RAQ: Não aguento mais!

ELI: Agora cê fica, né?

JUL: Querer ver...

Áudio bfamev29

Duração: 05:35

Falantes: 03 mulheres

Contexto/local: conversa sobre programação do réveillon/ ambiente fechado.

IAR: E você, Ritinha? Que que cê tá planejando?

RIT: Eu **quero fazer** nada.

IAR: Não?

RIT: **Quero ficar**...

ELI: Chorando no sofá, vendo “Diário de uma paixão” de novo.

RIT: Não achava ruim, não.

ELI: Que horror!

IAR: E o Ciro?

RIT: Gosto daquele filme! Ah, o Ciro quer fazer um milhão de coisas, tudo ao mesmo tempo.

IAR: Ele não vai viajar não, no Natal?

ELI: Ele não ia pra Nova Iorque, embora daqui?

RIT: É... uhm...

IAR: Mas ô, Rita... cê tá pensando ficar em Belo Horizonte?

RIT: Eu não tô pensando nada.

IAR: Nem quer pensar, né? Eu também nem **quero pensar**. Sabe o que que eu gostaria?

ELI: “Nem quero pensar”. Aposto que cê vai lá naquela festa, né, naquele big apartamento no centro.

IAR: Não, esse ano eu nem sei se eu vou na festa naquele apartamento. Nem sei se vai ter e também eu **queria ir** prum SPA, ficar uns três dias.

RIT: Que desânimo!

ELI: Ah é!

IAR: Ai, eu acho que eu **queria ir** prum SPA , que ninguém ficasse mandando eu levantar, que eu **queria ir** prum SPA que eu ficasse dormindo assim e alguém fazendo massagem em mim...

ELI: Passar o réveillon tomando.

RIT: Eu **queria passar** na praia. A mamãe te contou que o Irineu adicionou ela no Facebook?

Áudio bfamcv33

Duração: 08:47

Falantes: 03 homens e 03 mulheres

Contexto/local: construindo cenário para filmagem/ ambiente fechado.

MAR: Se bem que ele não ouve, né? Quem ouve é quem?

HEL: Tá vendo como é que eu sou amadora, né?

MAR: Eu vou... **quero mandar** um recadinho pra quem ouve a minha voz.

DAN: Vou sair do caminho.

MAR: Quem é? Ai, não pode falar!

Diálogo – contexto familiar

Áudio bfamd106

Duração: 10:28

Falantes: 01 homem e 01 mulher

Contexto/local: conversa sobre formato de arquivos de vídeos/ local fechado.

JHP: Tem que adicionar de novo: "add", "friends", tal... "settings"...

LAO: Por quê? Que que aconteceu aí?

JHP: Quando eu já tinha feito aquele, e aí o programa deve ter sido programado assim. Se já foi feito, já foi feito. Mas não viu que eu mudei a configuração?! Então, tem que chamar de novo, pra fazer de novo...

LAO: Ah... aí cê vai converter de novo?

JHP: Ca-pe-ta! Velho!

LAO: Deixa assim então. Depois eu já entendi, ué.

JHP: Não... é... Não, mas eu também **quero ver** se funciona, né?!

LAO: uhn... Cê vai deletar isso aí?

JHP: Vou deletar as conversões pra fazer de novo.

Áudio bfamd123

Duração: 11:20

Falantes: 02 mulheres

Contexto/local: conversa sobre jogo online/ quarto.

BAR: Eu já passei todos meus itens. Tô tentando falar com esse cara aqui que tá online na minha lista de amigos. Mas ele tá em outra cidade, então não tem como eu ir pra lá, porque se for pra lá eu vou gastar dinheiro, sabe? Eu **quero passar** meu dinheiro pra alguém que pelo menos esteja aqui, porque todos meus personagens estão nessa cidade, pra que eu possa, tipo, passe pra alguém que esteja nessa cidade, entro com outro personagem e esse cara passa pra minha personagem, entendeu? Então não vale a pena eu ir pra outra cidade.

[...]

JAN: Mas que missão que cê tem que fazer nesse jogo?

BAR: ah... é tipo assim... Calma que eu vou... Olha, eu sou, no caso, a personagem que eu **quero jogar** aqui eu sou uma maga. Então eu tenho que evoluir essa maga porque eu **quero virar** bruxa. Então eu

tenho que jogar, matar monstro pra ganhar experiência até eu poder virar bruxa. No caso eu posso virar bruxa com level quarenta, mas eu vou virar com level cinquenta pra eu ganhar o máximo de pontos de habilidades. Eu distribuir entre as minhas habilidades... Então eu tenho que evoluir, comprar equipamentos melhores, ganhar dinheiro, etc. Aí no caso casar, se eu quiser, ou não, etc.

JAN: Cê vai casar com moço?

BAR: uhn... Eu tenho personagem casada, mas aqui eu não vou casar, não. É, com um moço. Inclusive é um molequinho aí. Deixa eu ver se ele tá online... Tá não. Eu casei com ele. Ele é meu marido, sabe?

JAN: Aquele que mora na Bahia?

BAR: É.

Áudio bfamd130

Duração: 09:41

Falantes: 02 mulheres

Contexto/local: conversa sobre casa e compras enquanto guardam compras na cozinha.

[Som de geladeira abrindo e de gelo sendo retirado da forma.]

REN: Nossa! Eu não **quero pôr** muito gelo, porque senão vai ficar aguado.

FLA: Ah, vai!

Áudio bfamd132

Duração: 07:38

Falantes: 01 homem e 01 mulher

Contexto/local: homem ensinando a mulher a fazer gravação/local fechado.

BAL: Então agora vamos testar se cê aprendeu alguma coisa.

BMR: Tá.

BAL: Eu **quero fazer** uma gravação, em estéreo, usando os microfones externos.

BMR: Hum hum. Tá.

BAL: Então cê primeiro vai ter que escolher um *preset*, né?

BMR: Isso.

BAL: Quando a gente usar a bateria, a gente não vai precisar

fazer mais todas essas configurações, a gente vai poder guardar e pronto.

BMR: Hum hum.

BAL: Aí eu vou, por exemplo, boto uma etiquetinha: “gravação estéreo com microfones externos”

BMR: Uhn...

BAL: *Preset* tal. Gravação mono, microfone externo, tal... Uma gravação com microfone interno, tal... beleza.

BMR: Hum hum.

BAL: Então tá. Eu **quero fazer** uma gravação nos microfones externos em estéreo.

BMR: Hum hum. Tá. Aí eu vou em "menu" e...

BAL: Hum hum. A gente já configurou esse *preset*, né? A gente não **quer configurar** ele de novo.

BMR: Pois é.

BAL: Então escolhe outro.

BMR: Tá.

[...]

BMR: Tá. Isso aqui é assim mesmo?

BAL: Não, isso aí já é a saída do gravador.

BMR: Tá. Hum hum... "data ok", aqui também tá ok...

BAL: Hum hum. Isso. Já fez as configurações que cê precisa.

BMR: Aí o resto já...?

BAL: Tá ok.

Áudio bfamd133

Duração: 12:15

Falantes: 02 mulheres

Contexto/local: mãe ensinando a filha a fazer bolinhos/cozinha.

JAN: Eu **quero passar** eles na canela, pode passar já?

HER: Não... Tem que fritar primeiro, né!

Áudio bfamd134

Duração: 10:19

Falantes: 02 mulheres

Contexto/local: jogando damas/xadrez e narrando jogadas/ambiente fechado.

HEL: Deixa eu pensar uma coisa aqui. Calma... Vou fazer isso

mesmo. Fazer isso, que eu **quero comer** a rainha. Ela tá com a rainha minha, eu **quero comer** uma rainha dela.

HEL: Sem rainha!

CAS: Pera aí! Cê tava aqui.

HEL: É. Eu posso comer. Eu posso usar a minha torre, né? Ela anda assim: horizontal, vertical.

CAS: É.

HEL: Aí eu fui lá e comi sua rainha.

CAS: Ah, certo!

HEL: É isso aí que eu tinha pensado, mas eu **queria comer** rainha, porque rainha tem que comer. Ela tá com a rainha minha, eu tô com muita mais peça dela.

Monólogo – contexto público

Áudio bpubmn08

Duração: 03:09

Falantes: homem

Contexto/local: fala sobre o que quer fazer e sobre um filme/ local fechado.

LUC: E eu tava falando que tinha vontade de fazer tatuagem, só que não rola porque eu **queria tentar** Instituto Rio Branco e acho que me falaram que não pode ter tatuagem para ser diplomata. Coisa ridícula, mas tudo bem.

Conversação – contexto público

Áudio bpubcv02

Duração: 07:28

Falantes: 04 homens

Contexto/local: conversa sobre reforma/ obra.

CAR: Porque eu vou sugerir nisso aí o seguinte: que a gente... Quem que fez... Pessoal nosso fez vistoria lá já?

OSV: Ô, foi o Wiliam. Acho que foi o Wiliam.

JEA: Já.

OSV: O povo é...

CAR: Mas o Wiliam não dá, não.

OSV: É essa aqui, da Ana.

JEA: É. Porque antes de mandar pra defesa civil, a gente faz uma vistoria da...

OSV: Deixa eu ver quem foi. Tem nada aqui não.

JEA: Alguém daqui faz?

CAR: Faz.

JEA: Ah, tá.

CAR: Eu **queria sugerir** o seguinte: que a gente fosse um de nós lá e olhasse seguinte... Uhn, Osvaldo!

OSV: O quê? Uhn!

CAR: E olhasse o seguinte: se lá a situação dos outros moradores é igual à dela, pior que a dela ou melhor que a dela.

OSV: Dos vizinhos dela?

CAR: Dos vizinhos. Se a situação dela for pior do que as dos vizinhos, aí nós vamos pedir pra tirar ela de lá e pôr no aluguel, que a gente derruba o barraco dela...

Áudio bpubcv08

Duração: 08:38

Falantes: 02 mulheres e 01 homem

Contexto/local: indicações de fotografia, edição de vídeo/sala.

LEO: Seria isso aqui.

IAR: Sem áudio?

LEO: É. Aí o áudio eu **quero pegar** com a Ju, o cedezinho com a trilha.

IAR: Hum hum.

LEO: Aí é só inserir essa parte. Seria isso. Tá oquei pra você?

[Para concluir a tarefa, LEO deve incluir o áudio referido.]

Áudio bpubcv09

Duração: 10:09

Falantes: 01 homem, 01 mulher e 02 crianças.

Contexto/local: fazendo exercícios/ academia.

MAR: Ô, é sério! Eu **quero fazer** doze só.

MRC: Ocê quer, mas vai fazer vinte!

MAR: Não, you fazer doze!

MRC: Não existe "doze" no meu vocabulário.

MAR: Ah! Cê acabou de falar!

MRC: Então faz doze ao contrário: vinte e um.

MAR: Não!

MRC: Doze vezes dois: vinte e quatro.

MAR: Não! You fazer doze.

Diálogo – contexto público**Áudio bpubl01****Duração: 14:09****Falantes: 02 homens****Contexto/local: conversa durante construção/ obra.**

ROG: Esse aqui vai ficar mais alto um pouquinho, né? Ou não?

PAU: Capaz...

ROG: Uhn.

PAU: Depende do barranco lá, e lá eu **quero chegar** com ele até a divisa com o Paulo. Isso até aquele murinho lá, sabe como?

ROG: Sei.

PAU: Porque é capaz d' eu subir uma parede lá, cobrir porque lá fica um lugar de guardar as coisas, né?

[...]

PAU: Ah, tem um outro lugar aqui que vai gastar muita pedra também. Aqui ó, no piso.

ROG: É, uai!

PAU: Aquela passagem lá eu **quero deixar** marcada também, sabe? Tô achando que eu vou fazer ela com um metro. Acho que com um metro e vinte ela fica boa, né?

ROG: Fica.